

INVENTARIAÇÃO, DIAGNÓSTICO E REFERENCIAÇÃO  
CARTOGRÁFICA DE ELEMENTOS ECOLÓGICOS  
SIGNIFICATIVOS E DE PONTOS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO  
RELEVANTE NO CONCELHO DE MANTEIGAS

FAUNA



ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA		FAUNA	Rota de Vale de Amoreira
Código	Nome Científico	Nome Comum	Estatuto de Conservação
001.00	<i>Alectoris rufa</i>	Perdiz	Pouco Preocupante
002.00	<i>Alytes obstetrican</i>	Sapo-parteiro	Pouco Preocupante
003.00	<i>Anguis fragilis</i>	Licranço	Pouco Preocupante
004.00	<i>Apus apus</i>	Andorinhão-preto	Pouco Preocupante
005.00	<i>Bufo Bufo</i>	Sapo-comum	Pouco Preocupante
005.00	<i>Chondrostoma polylepis</i>	Boga-comum	Pouco Preocupante
007.00	<i>Circus pygargus</i>	Tartaranhão-caçador	Em Perigo Espécie Protegida
008.00	<i>Corvus corax</i>	Corvo	Quase Ameaçado
009.00	<i>Cuculus canorus</i>	Cuco-canoro	Pouco Preocupante
010.00	<i>Erinaceus europaeus</i>	Ouriço-cacheiro	Pouco Preocupante
011.00	<i>Erithacus rubecula</i>	Pisco-de-peito-ruivo	Pouco Preocupante
012.00	<i>Garrulus glandarius</i>	Gaio-comum	Pouco Preocupante
013.00	<i>Hyla arborea</i>	Rela	Pouco Preocupante
014.00	<i>Lacerta lépida</i>	Sardão	Pouco Preocupante
015.00	<i>Martes foina</i>	Fuinha	Pouco Preocupante Espécie Protegida
016.00	<i>Mauremys leprosa</i>	Cágado-mediterrânico	Pouco Preocupante.
017.00	<i>Meles meles</i>	Texugo	Pouco Preocupante
018.00	<i>Mustela putorius</i>	Toirão	Informação Insuficiente
019.00	<i>Natrix maura</i>	Cobra-de-água-viperina	Pouco Preocupante Espécie Protegida



## ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA

## FAUNA

## Rota de Vale de Amoreira

Código	Nome Científico	Nome Comum	Estatuto de Conservação
020.00	<i>Oncorhynchus mykiss</i>	Truta-arco-íris	Não aplicável
021.00	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Coelho bravo	Quase Ameaçado Espécie Protegida
022.00	<i>Otus scops</i>	Mocho-de-orelhas	Informação Insuficiente
023.00	<i>Passer domesticus</i>	Pardal-de-telhado	Pouco Preocupante
024.00	<i>Podarcis hispanica</i>	Lagartixa-ibérica	Pouco Preocupante
025.00	<i>Psammodromus algirus</i>	Lagartixa-do-mato	Pouco Preocupante
026.00	<i>Rana iberica</i>	Rã-ibérica	Pouco Preocupante Espécie Protegida
027.00	<i>Rhinolophus ferrumequinum</i>	Morcego-de-ferradura-grande	Vulnerável
028.00	<i>Rhinolophus hipposideros</i>	Morcego-de-ferradura-pequeno	Vulnerável
029.00	<i>Salamandra salamandra</i>	Salamandra-de-pintas- amarelas	Pouco Preocupante
030.00	<i>Salmo trutta fario</i>	Truta fario	Pouco Preocupante
031.00	<i>Strix aluco</i>	Coruja-do-mato	Pouco Preocupante Espécie Protegida
032.00	<i>Talpa occidentalis</i>	Toupeira	Pouco Preocupante
033.00	<i>Turdus merula</i>	Melro	Pouco Preocupante
034.00	<i>Upupa epops</i>	Poupa	Pouco Preocupante
035.00	<i>Vulpes vulpes</i>	Raposa	Pouco Preocupante

<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.001.00</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	AVES	<b>Família</b>	PHASIANIDAE
<b>Ordem</b>	GALLIFORMES	<b>Género</b>	<i>Alectoris</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Alectoris rufa</i>	<b>Nome comum</b>	Perdiz
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	<p>Ave terrestre de aspecto arredondado, no cimo da cabeça encontramos uns tons cinzentos com uma faixa branca comprida que passa por cima dos olhos e listra ocular que se estende pelo pescoço até à barra peitoral malhada. Tem os pés e o bico vermelho, a garganta de cor creme e tem uma faixa branca marginada de preto.</p>		
<b>Distribuição</b>	<p>Podem ser encontradas no sul da Europa, Portugal, Espanha, França e Itália para além destas zonas, também ocorre nas ilhas britânicas. Em Portugal encontra-se distribuída por todo o território continental, podendo ser encontrada no meio da vegetação rasteira, em bandos de cerca de 10/15 indivíduos. Os locais onde mais facilmente se encontra são o Alentejo e o Nordeste Transmontano.</p>		
<b>Habitat</b>	<p>Pode ser encontrada em quase todas as regiões do nosso país, preferindo zonas mais abertas com parcelas de culturas agrícolas e outras de mato mais denso, em que existam pontos de água durante o período mais quente do ano.</p>		
<b>Alimentação</b>	<p>Alimenta-se de sementes e rebentos de plantas bravias e agrícolas, de insectos (principal elemento da alimentação dos perdigotos), moluscos e outros invertebrados.</p>		
<b>Reprodução</b>	<p>São aves muito territorialistas, tendo o macho do grupo de afastar outros machos, durante a época da reprodução. A perdiz põe em média 12 ovos, que demoram cerca de 23 dias a eclodir, nascendo depois os perdigotos, que nessa</p>		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.001.00</b>
	fase são essencialmente insectívoros.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	É uma ave gregária que vive em grupos. Sendo uma espécie sociável, pode ser descortinada em grandes bandos, especialmente no fim do Inverno, no início do seu período reprodutivo esses bandos separam-se.		
<b>Voo</b>	Voo é geralmente curto e pesado, mas rápido e direito, emitindo um som muito característico		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>	<b>Anexo</b>		
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro	I		
Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna	III		
Lei nº 173/99 de 21 de Setembro (Lei da Caça), regulamentada pelo DL 201/2005 de 24 de Novembro	-		
<b>Factores de Ameaça</b>	Redução dos seus habitats; Predadores naturais.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Manutenção de pontos de água (a construção de pequenas charcas); comedouros e bebedouros; evitar sempre que possível o corte de culturas forrageiras nos locais de maiores densidades (ou exercer uma perturbação regular entre Janeiro e Março nas folhas destinadas a serem gadanhadas, ou ainda semear com densidades elevadas; montagem de uma barra com correntes suspensas (espanta caça) à frente da gadanheira; repovoamentos; culturas para a fauna; disponibilidade elevada de locais de abrigo; controle de predadores, principalmente a raposa e a pegas ( <i>Pica pica</i> e <i>Cyanopicacyana</i> ).		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.002.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela do Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	AMPHIBI	<b>Família</b>	DISCOGLOSSIDA
<b>Ordem</b>	ANUR	<b>Género</b>	<i>Alyte</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Alytes obstetrican</i>	<b>Nome comum</b>	Sapo-parteiro
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	<p>Anuro de pequenas dimensões, não ultrapassando em geral os 5-7 cm de comprimento cabeça-corpo. Olhos proeminentes, de cor dourada e pupila vertical. Coloração dorsal muito variável, com predominância de tons acinzentados. Pode apresentar uma série de pequenas verrugas alaranjadas no dorso, as quais se podem prolongar até aos olhos. A região ventral é clara, normalmente amarelada ou esbranquiçada, com a pele granulosa. Nas palmas das mãos apresenta três tubérculos de igual tamanho.</p>		
<b>Distribuição</b>	<p>É uma espécie que só existe no quadrante sudoeste da Península Ibérica. Em Portugal existe sobretudo a sul do rio Tejo.</p>		
<b>Habitat</b>	<p>Ocorre numa grande variedade de habitats, nomeadamente em áreas agrícolas, zonas de montanha, prados, bosques e até zonas urbanas. A espécie encontra-se normalmente associada a massas de água de carácter permanente que possibilitam o seu prolongado desenvolvimento larvar.</p>		
<b>Alimentação</b>	<p>A sua dieta baseia-se essencialmente em centopeias, escaravelhos, moscas, aranhas, lesmas.</p>		
<b>Reprodução</b>	<p>A época de reprodução começa com as chuvas do Outono. O macho atrai a fêmea através de um chamamento semelhante a um conjunto de assobios e abraça-a pelas costas (amplexo). Muitas vezes o macho continua a cantar durante o amplexo. Depois da fecundação, que tem lugar em terra, o macho enrola os cordões de ovos nas suas pernas, transportando-os durante todo o</p>		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.002.00</b>
	período de incubação que dura entre 20 e 28 dias. O mesmo macho pode transportar posturas de três fêmeas. Na altura da eclosão os machos dirigem-se a charcos ou ribeiras para os girinos saírem dos ovos.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Espécie de hábitos essencialmente crepusculares e nocturnos, mas em dias húmidos e chuvosos, pode apresentar actividade diurna. Esta espécie é mais esbelta e tem hábitos menos fossadores que <i>Alytes cisternasii</i> , apresentando um focinho mais afilado na extremidade.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecido.		
<b>Estatuto de conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Convenção de Berna		II	
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem)		B, IV	
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/destruição do habita; atropelamento; destruição/perturbação de indivíduo; florestação/desflorestação; introdução de espécies exótica; isolamento geográfico; poluição agrícola; poluição industria; poluição urbana.		
<b>Medidas de conservação</b>	Controlo da poluição; manutenção da agricultura tradicional; ordenamento Florestal Protecção do Habitat; recuperação dos habitats.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.003.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	REPTILIA	<b>Família</b>	ANGUIDAE
<b>Ordem</b>	SAURIA	<b>Género</b>	<i>Anguis</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Anguis fragilis</i>	<b>Nome Comum</b>	Licranço
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	<p>Conhecido também por cobra-de-vidro, é um sáurio (lagarto) sem membros, de aspecto serpentiforme, com corpo muito alongado e cilíndrico. A cabeça é curta e a cauda encontra-se pouco diferenciada do corpo. Geralmente alcança 20 a 22 cm de comprimento total e pesa entre 8 e 40 gramas. Os exemplares desta espécie possuem escamas muito lisas e brilhantes o que os torna inconfundíveis. O dorso é creme, pardo ou castanho e os flancos são da mesma cor ou mais escuros do que o dorso. Por vezes, apresentam uma linha vertebral mais escura. O ventre é acinzentado ou preto. Os juvenis possuem o dorso esbranquiçado, avermelhado ou prateado, onde se destaca uma linha vertebral escura. Os machos são relativamente mais robustos do que as fêmeas e possuem uma cabeça consideravelmente maior e mais diferenciada do resto do corpo.</p>		
<b>Distribuição</b>	<p>Esta espécie apresenta uma distribuição ampla por toda a Europa, com excepção da Escandinávia, Irlanda e ilhas mediterrâneas. Na Península Ibérica, encontra-se a norte dos rios Tejo e Ebro.</p>		
<b>Habitat</b>	<p>Aparece tanto ao nível do mar como em regiões de montanha, até aos 2400 m. Encontra-se principalmente em zonas que mantenham alguma humidade, em clareiras e orlas de bosques, pinhais, prados ou hortas. Evita ambientes muito expostos e secos assim como áreas permanentemente encharcadas.</p>		
<b>Alimentação</b>	<p>A sua dieta baseia-se essencialmente em caracóis, lesmas, minhocas, aranhas e insectos.</p>		






<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.003.00</b>
<b>Reprodução</b>	Começa pouco tempo depois do fim da hibernação e durante o mesmo podem ocorrer brigas entre machos à base de dentadas. Nos preâmbulos da cópula, o macho mordisca a fêmea na parte anterior do corpo. Por fim, prende-a pela cabeça com as mandíbulas e dá-se a cópula. Os licranços são ovovíparos. A gestação dura 11 a 13 semanas e os partos dão-se geralmente entre Agosto e Outubro. As fêmeas podem ter 6 a 22 crias. A maturidade sexual é atingida aos 3 anos no caso dos machos, e apenas aos 4 ou 5 nas fêmeas. No entanto, as fêmeas sexualmente maduras não se reproduzem todos os anos. Esta espécie tem uma grande longevidade, podendo sobreviver em cativeiro até aos 54 anos.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Espécie diurna, que desenvolve a sua actividade desde Fevereiro até Outubro, altura em que inicia um período de repouso invernal.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Convenção de Berna.		III	
<b>Factores de Ameaça</b>	Abandono da agricultura tradicional; alteração/destruição do habitat; destruição/perturbação de indivíduos.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Manutenção da agricultura tradicional; prevenção de incêndios; protecção do habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.004.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	AVES	<b>Família</b>	APODIDAE
<b>Ordem</b>	APODIFORMES	<b>Género</b>	<i>Apus</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Apus apus</i>	<b>Nome Comum</b>	Andorinhão-preto
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	<p>Distingue-se sobretudo pela plumagem muito escura, com as coberturas infralares muito escuras, e pelo chamamento estridente. Embora seja relativamente fácil de distinguir das andorinhas, o andorinhão-preto pode confundir-se facilmente com o seu congénere andorinhão-pálido, que também pode parecer preto em condições de luz pouco favoráveis. Asas compridas, estreitas rígidas e em forma de foice e corpo aerodinâmico. Chamamento é um estridente e gritante "srrriiii".</p>		
<b>Distribuição</b>	<p>Nidifica em toda a Europa, onde pode ser avistado de Março a Outubro e inverte em África. Nidifica em pequenas colónias, normamente debaixo das telhas e em cavidades de ventilação, torres e igrejas, em ambientes selvagens nos buracos dos picapaus.</p>		
<b>Habitat</b>	<p>Pode ser visto no ar quase em todo lado mas mais frequentemente em cidades e vilas.</p>		
<b>Alimentação</b>	<p>Plâncton aéreo capturado a alturas até 4 Km.</p>		
<b>Reprodução</b>	<p>Uma postura entre os meses de Maio a Junho de 3 ovos brancos com um período de incubação de 14 a 20 dias realizado pelo macho e pela fêmea. Nascem crias indefesas despidas, o seu primeiro voo é entre as 5 e a 8 semana.</p>		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	<p>Migrador reprodutor.</p>		
<b>Comportamento</b>	<p>Durante os meses de Abril e Maio, altura em que esta ave (estival), visita o</p>		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.004.00</b>
	nosso país na intenção de procriar (nidificar), para tal, basta uma observação ligeira dos bandos de gritaria que se formam um pouco por toda a cidade.		
<b>Voo</b>	Extraordinário, rápido com batimento rápido das asas (pode dar a ilusão de baterem alternadamente. É também frequente vê-lo a pairar relaxadamente no ar. Só pousam praticamente já no interior dos ninhos, em cavidades, onde ficam fora do nosso alcance visual. Tem dificuldade em levantar voo do solo, pelo menos em erva alta.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Convenção de Berna.		III	
<b>Factores de Ameaça</b>	Destruição do habitat; intensificação da agricultura e abandono de práticas tradicionais; contaminação química das cadeias alimentares; abate ilegal e a electrocussão.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Medidas de conservação do habitat; alteração dos métodos aplicado na agricultura; eliminar a utilização de produtos químicos.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.005.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AMPHIBIA	Família	BUFONIDAE
Ordem	ANURA	Género	<i>Bufo</i>
Nome Científico	<i>Bufo Bufo</i>	Nome Comum	Sapo-comum
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Robusto, com membros fortes e cabeça larga e curta. As glândulas parótidas situadas lateralmente da cabeça, com os bordos oblíquos entre si. Membros curtos e robustos, com quatro dedos anteriores e cinco nos posteriores. As parotóides são muitas vezes delimitadas por linhas ou bandas escuras. Pele verrugosa no dorso e flancos, e granulosa no ventre. Coloração dorsal variável, podendo encontra-se tonalidades acastanhada ou bege. Ventralmente, possui uma coloração esbranquiçada com manchas escuras dispersas.</p>		
Distribuição	Toda a Europa excepto a Irlanda e algumas ilhas mediterrânicas. Desde a Sibérias até ao Norte de África, Marrocos Argélia e Tunísia.		
Habitat	Áreas agrícolas, zonas de montanha, montados e bosques de caducifólias.		
Alimentação	Alimentam-se essencialmente em centopeias, escaravelhos, moscas, borboletas, lesmas, minhocas e mesmo outros anfíbios.		
Reprodução	<p>Reproduzem-se na altura das chuvas primaveris. Os machos são os primeiros a alcançar as zonas onde existe água. As fêmeas apresentam nest altura ovários grandes e repletos. Existe em média 5 machos para cada fêmea.</p> <p>Uma fêmea poderá depositar entre 2000 a 8000 ovos esférios e escuros, envoltos num longo cordão gelatinoso que pode ter vários metros de comprimento.</p>		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.005.00</b>
<b>Comportamento</b>	Possui actividade noturna, no entanto em dias húmidos e chuvosos apresenta alguma actividade diurna, caminhando lentamente dando saltos pequenos. Durante o Inverno a sua actividade diminui, preferindo esconder-se nos seus refúgios ou enterrarem-se.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Estável.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Convenção de Berna.		III	
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração dos locais de reprodução e dos seus habitats; perseguição pelo Homem.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Informar e sensibilizar o publico para a importancia da especie bem como da conservacao do seu habitat; realização de estudos de monitorização e biologia das espécies.		
<b>Observações/comentários</b>			

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.006.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela do Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	ACTINOPTERYGII (OSTEICHTHYES)	<b>Família</b>	CYPRINIDAE
<b>Ordem</b>	CYPRINIFORMES	<b>Género</b>	<i>Chondrostoma</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Chondrostoma polylepis</i>	<b>Nome comum</b>	Boga-comum
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	<p>A boga é uma espécie de tamanho médio, com corpo alongado e boca inferior. A boca é rectilínea sendo o lábio inferior grosso formando uma lâmina córnea bem desenvolvida. A barbatana dorsal é pequena. A barbatana anal tem 9 raios ramificados. Coloração Dorso e flanco são verde-escuros e o ventre é branco - prateado.</p>		
<b>Distribuição</b>	Global endémica da região central da Península Ibérica.		
<b>Habitat</b>	Albufeiras, Cursos de água: A boga-de-boca-recta ocupa os troços médios dos tributários de maiores ordens e no rio principal, surgindo em zonas com corrente mas também em barragens. Existe uma associação entre a boga e zonas com elevada cobertura ripária.		
<b>Alimentação</b>	Aparentemente esta espécie alimenta-se quase exclusivamente algas e detritos. Ocasionalmente ingere cladóceros, copépodes, quironomídeos, efemelídeos, hidropsíquídeos, baetídeos e ermicídeos. Em barragens alimenta-se de detritos.		
<b>Reprodução</b>	Estas espécies efectuem migrações de reprodução entre Março e Junho para as zonas mais a montante dos cursos de água. Os ovos são depositados em substrato de cascalheira, no fundo do rio, onde aderem às pedras ou a matéria vegetal.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Esta espécie é conhecida por ter comportamentos agressivos.		
<b>Voo</b>	-		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.006.00</b>
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Em regressão.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			III
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).			II
DL 312/70 de 6 de Julho (Lei da Pesca).			
DL 44623/62 de 10 de Outubro (Lei da Pesca).			
Lei nº 2097 de 6 de Junho de 1959.			
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/destruição do habitat; aproveitamentos hidroeléctricos; destruição da vegetação ripícola; destruição de locais de reprodução; destruição/perturbação de indivíduos, introdução de espécies exóticas; isolamento geográfico; poluição; regularização de sistemas hídricos.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Controlo de espécies exóticas; fiscalização da poluição; ordenamento; piscícola; passagens para a fauna; protecção do habitat; recuperação dos habitats.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.007.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	ACCIPITRIDAE
Ordem	ACCIPITRIFORMES	Género	<i>Circus</i>
Nome Científico	<i>Circus pygargus</i>	Nome Comum	Tartaranhão-caçador
Registo Fotográfico			
Identificação	Tartaranhão-caçador é a mais pequena das águias europeias. O macho tem plumagem cinzenta azulada, asas muito compridas e estreitas, corpo esguio e cauda comprida e estreita de coloração negra. Em voo, distingue-se uma banda preta nas secundárias. A fêmea e os juvenis apresentam uma plumagem de tons castanhos arruivados.		
Distribuição	Reproduz-se na Eurásia e norte de África, desde a Península Ibérica e Marrocos até cerca do paralelo 60, no sul da Sibéria e Ásia norte-central. Inverna na África subsariana, principalmente no Sudão, Etiópia e África do Leste e no sub-continente indiano. Em Portugal ocorre como nidificante em grande parte do território nacional, de norte a sul, em particular na metade este do país, acompanhando a distribuição dos terrenos abertos com searas nas planícies do Alentejo e os planaltos serranos do centro-leste e norte. Está praticamente ausente de grande parte do oeste do país e do Algarve.		
Habitat	Constituído por áreas onde predomina a cerealicultura extensiva, matos de urze, tojo ou giesta, searas de centeio e pastagens de montanha, nidificando em zonas de mato e centeio. Em zonas de estuário e em dunas costeiras poderá nidificar em sapais e em vegetação dunar.		
Alimentação	Captura essencialmente pequenas presas – ortópteros, pequenos répteis, passeriformes, micromamíferos e pequenas crias de aves e mamíferos. Embora seja considerado um predador generalista, a sua dieta pode apresentar especificidade a nível local na selecção de presas.		
Reprodução	Espécie semi-colonial, ainda que possa nidificar isoladamente em áreas com baixa densidade de casais. Normalmente monogâmicos, a relação é de duração sazonal. Nidifica no solo, sendo o ninho construído pela fêmea com material vegetal: caules de gramineas, espigas e restolhos. As crias são		






<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.007.00</b>
	nidícolas e somente a fêmea cuida e alimenta as crias.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Nidificante estival.		
<b>Comportamento</b>	Antes do fim do Verão retorna a África às regiões a sul do deserto do Sara para passar o Inverno. Caça a 2 ou 3 metros do solo contornando o relevo do terreno.		
<b>Voo</b>	Virtuoso acrobata executa voos malabaristas nas suas elaboradas paradas nupciais em voo.		
<b>Nidificação</b>	Nidificante estival.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	EN – Em Perigo.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>	<b>Anexo</b>		
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro.	I		
Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna.	II		
Decreto-Lei n.º 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona.	II		
Decreto-Lei n.º 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro).	II-A		
<b>Factores de Ameaça</b>	Actividade da ceifa; o abandono agrícola; aumento da utilização de agro-químicos; florestação das terras agrícolas; expansão de cultivos lenhosos; perturbação; abate ilegal; pilhagem e destruição de ninhos; aumento de predadores de ovos e crias; a electrocussão e colisão em linhas aéreas de transporte de energia.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Atrasar a ceifa de forma a salvaguardar as crias e os ovos; promover cerealicultura extensiva com rotação de culturas; incrementar a sustentabilidade económica das áreas estepárias; condicionar a edificação e ordenar a actividade turística nas zpe's; implementar normas de gestão cinegética nas áreas de habitat destas espécies em ac's (áreas de caça); fiscalizar as actividades de abate e envenenamento; fiscalizar e vigiar activamente as principais colónias na época de nidificação; regular o uso de pesticidas e adoptar técnicas de pestes alternativas; proibir a florestação e o cultivo de lenhosas nas áreas mais importantes para a conservação da espécie; estudar a dieta e a selecção de habitats de alimentação da aguia-caçadeira.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.008.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	AVES	<b>Família</b>	CORVIDAE
<b>Ordem</b>	PASSERIFORMES	<b>Género</b>	<i>Corvus</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Corvus corax</i>	<b>Nome Comum</b>	Corvo
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	O corvo é o maior de todos os corvídeos, chegando quase aos 70 cm de comprimento. Tem um bico forte e curto, e uma «barba» hirsuta, que o distingue da gralha, que é também mais pequena. Tal como esta, é inteiramente negro.		
<b>Distribuição</b>	O corvo é uma espécie holártica, com uma distribuição alargada por toda a Europa. Em Portugal Continental encontra-se distribuído de norte a sul, sendo mais abundante nas zonas menos povoadas do interior que no resto do país e encontrando-se ausente em algumas zonas da costa.		
<b>Habitat</b>	Ocorre em zonas agrícolas e pouco povoadas, tanto em planície como em planalto ou em zonas montanhosas; nidifica em escarpas, na costa ou no interior, e em árvores isoladas. No Baixo Alentejo, de Inverno, o corvo evita zonas com povoamentos florestais muito extensos, como sejam pinhais e eucaliptais e áreas com perturbação muito intensa.		
<b>Alimentação</b>	É principalmente necrófago, mas também mata pequenas aves e mamíferos, numa dieta que inclui ainda ovos, caracóis e cereais.		
<b>Reprodução</b>	Nidifica bastante cedo (Fevereiro, Março) em saliências rochosas ou árvores. A postura inclui de 3 a 6 ovos, com um período de incubação de 21 dias.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.008.00</b>
<b>Comportamento</b>	Tímido e cauteloso.		
<b>Voo</b>	Voo com batimentos comeditos mas fortes. Paira frequentemente e nunca mantém as suas asas levantadas no voo. Excuta frequentemente reviravoltas quando brinca.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>			
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	<p>NT – Quase Ameaçado.</p> <p>Fundamentação: Espécie com população reduzida, que se admite poder ser inferior a 10.000 indivíduos maturos); apresenta declínio continuado do número de indivíduos e tem todos os indivíduos concentrados numa única subpopulação. Na adaptação à escala regional desceu uma categoria, por se admitir que a população em Portugal poderá ser alvo de imigração significativa e não ser de esperar que a imigração das regiões vizinhas possa vir a diminuir.</p>		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Convenção de Berna		III	
<b>Factores de Ameaça</b>	Utilização de venenos, o abate ilegal (nomeadamente por confusão de identificação com a gralha-preta <i>Corvus corone</i> ); perseguição directa; intensificação da agricultura.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Não estão previstas medidas de conservação específicas para esta espécie. Beneficiará, no entanto, com o aumento de vigilância e com a manutenção de áreas de agricultura e pastoreio em moldes extensivos.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.009.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	CUCULIDAE
Ordem	CUCULIFORMES	Género	<i>Cuculus</i>
Nome Científico	<i>Cuculus canorus</i>	Nome Comum	Cuco-canoro
Registo Fotográfico			
Identificação	O macho tem cabeça peito e dorso cinza, com estras na barrig como no gavião da Europa. A fêmea tem gualmente, o mesmo padrão, excepto na cor que é ferrugínea. Os juvenis são castanho bastante escuro nas partes superiores alguns mais acinzetados outros mais ferrugíneos. Um sinal seguro de que se trata de um juvenil é a mancha branca na nuca.		
Distribuição	Distribuição global.		
Habitat	Jardins, paus, turfeiras e charnecas, bosques, campos e sebes.		
Alimentação	Insectos.		
Reprodução	Parasita dos nichos, põe o seu ovo no ninho de outras aves, um ovo em cada ninho. Cada fêmea especializa-se num pássaro hospedeiro particular emitando a cor do ovo, levando ao engano o pássaro hospedeiro.		
Tipo de Ocorrência	MigRep – Migrador reprodutor.		
Comportamento	Saltita, pousa em campo aberto levanta voo e pousa tanto na vegetação como no solo.		
Voo	Voo baixo e de progressão discreta, combinado com a sua longa cauda da-lhe		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.009.00</b>
a perícia de um gavião da Europa.			
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			III
<b>Factores de Ameaça</b>	Não estão identificados factores de ameaça específicos à conservação desta espécie em Portugal.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Não foram identificadas medidas de conservação específicas, para além de normas gerais de protecção das aves e dos seus habitats.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.010.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	MAMMALIA	<b>Família</b>	Erinaceidae
<b>Ordem</b>	ERINACEOMORPHA	<b>Género</b>	<i>Erinaceus</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Erinaceus europaeus</i>	<b>Nome Comum</b>	Ouriço-cacheiro
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	<p>O ouriço-cacheiro é maior insectívoro da nossa fauna, com um comprimento do corpo entre 18 e 20cm e cerca de 1Kg de peso máximo, sendo o valor mais habitual os 700 g. É facilmente identificado por ter o dorso coberto de espinhos longos e aguçados, de cor acastanhada e com bandas escuras nas extremidades. A cauda é muito pequena, as orelhas são igualmente pequenas e a cabeça encontra-se bem destacada do corpo. A cabeça e a superfície ventral são densamente cobertas de pêlos. Tem um sentido de visão pouco desenvolvido, ao contrário da audição e do olfacto. Quanto sente perigo enrola-se, expondo os espinhos como armas de defesa.</p>		
<b>Distribuição</b>	<p>Existe em toda a Europa Ocidental, incluindo na Grã-Bretanha e nos países escandinavos até à Sibéria. Pela mão do Homem foram levados para a Nova Zelândia. Este pequeno mamífero pode ser encontrado um pouco por todo o território continental português, incluindo algumas ilhas açorianas onde também foi introduzido pelos colonizadores.</p>		
<b>Habitat</b>	<p>Presente em habitats muito diversificados, como zonas de cultivo, jardins, bosques, prados e áreas onde o estrato herbáceo seja abundante. Utiliza tocas abandonadas de coelhos, troncos de árvores, fendas em rochas como ninhos para o nascimento das crias ou para o período de hibernação.</p>		
<b>Alimentação</b>	<p>Alimenta-se sobretudo de invertebrados que encontra no solo - minhocas, escaravelhos, lagartas, aranhas e lesmas - embora também por vezes consuma ovos e pequenos vertebrados - sapos, lagartos, crias de roedores e de aves. Também come peixe, até porque é um excelente nadador. Consome cerca de 70 g de alimentos por noite. Hiberna entre Novembro e Março</p>		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.010.00</b>
<b>Reprodução</b>	A época da reprodução verifica-se de Abril a Agosto, tendo a gestação uma duração de 12 a 13 semanas. Cada ninhada é composta por 4 a 6 crias.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	-		
<b>Comportamento</b>	É um animal solitário e territorial, de hábitos essencialmente nocturnos, podendo ser observado nas últimas horas do dia e ao amanhecer. Quando se sente ameaçado, o ouriço enrola-se sobre si próprio, de modo a esconder as suas pequenas patas e as áreas mais desprotegidas. Este mamífero hiberna quando os recursos alimentares diminuem e a descida da temperatura torna inoportável a manutenção da temperatura do corpo. Em Portugal, este comportamento verifica-se apenas nos indivíduos que vivem em zonas de maior altitude.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
	-		-
<b>Factores de Ameaça</b>	Mortalidade das crias, ao longo do primeiro ano é muito elevada; predadores naturais; atropelamentos na estrada; pesticidas e herbicidas; redução do seu habitat.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Recuperação e manutenção do seu habitat; eliminação da utilização de pesticidas e herbicidas.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.011.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	TURDIDAE
Ordem	PASSERIFORMES	Género	<i>Erithacus</i>
Nome Científico	<i>Erithacus rubecula</i>	Nome Comum	Pisco-de-peito-ruivo
Registo Fotográfico			
Identificação	O Pisco-de-peito-ruivo é facilmente identificado pelo seu característico peito ruivo quando adulto e pela sua plumagem ruiva acastanhada quando jovem, a sua forma roliça, postura erecta e movimentos bruscos tornam-no inconfundível.		
Distribuição	Europa, das ilhas do Atlântico (Canárias, Açores etc.), da Ásia Menor, da Ásia ocidental e da África Norte-ocidental.		
Habitat	Prefere zonas de bosques e semibosques húmidos, tanto de caducifólia, como de coníferas com sub-bosque de moitas, mas, principalmente no inverno, frequenta também espaços abertos, nas oliveiras e parreirais, nas moitas marginais dos campos e áreas de cultivos, ao longo de valas densas de vegetações, nas hortas e nos jardins, aproximando-se tranquilamente das habitações, tanto dos sítios como das cidades, tornando-se assim uma das espécies mais confidentes e familiares.		
Alimentação	Insectos, aranhas, minhocas e caracóis, bagas e outros, passas, flocos de aveia, entre outros.		
Reprodução	Esta espécie é monogâmica e territorial. A postura geralmente é constituída por 4 a 6 ovos brancos ou ligeiramente azulados, com um número variável de pequenas manchas avermelhadas. A incubação dura 13 a 14 dias, e as crias permanecem no ninho em média cerca de 13 dias antes de o abandonarem.		






<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.011.00</b>
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente. Vis – Visitante.		
<b>Comportamento</b>	Cantam durante todo o ano. Quer os machos quer as fêmeas defendem o seu próprio território cantando e exibindo-se. Na Primavera, as fêmeas têm de convencer os machos a parar de lutar e a cooperarem com elas na criação de uma família. Para tal elas invadem o território dos machos e comportam-se como crias pedindo alimentação, estimulando assim os machos a alimentar as crias em vez de lutarem.		
<b>Voo</b>	Voa a curtas distâncias e baixinho.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>	<b>Anexo</b>		
Convenção de Berna	II		
Convenção de Bona	II		
<b>Factores de Ameaça</b>	Perturbação directa, consequência do impacte visual e do ruído gerado pela presença humana; degradação biótica; perseguição directa; pilhagem dos ninhos; caça furtiva.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Controlar e fiscalizar as zonas de nidificação; Educação e sensibilização ambiental.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.012.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	CORVIDAE
Ordem	PASSERIFORMES	Género	<i>Garrulus</i>
Nome Científico	<i>Garrulus glandarius</i>	Nome Comum	Gaio-comum
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>É uma grande ave dos bosques, com cauda comprida, asas arredondadas e plumagem muito característica. Tem um comprimento de 33 a 36 cm e um peso de 140 a 190 g. Tem uma coroa malhada de preto e branco, um bigode preto, dorso e ventre castanho rosado. As asas e a cauda são pretas, com o uropígio e parte interna das asas brancas, ambos muito visíveis em voo. Apresenta uma mancha azul iridescente, com riscas finas pretas e brancas, nas grandes coberturas primárias, muito característica.</p>		
Distribuição	Europa Ocidental até ao noroeste africano, Ásia continental e sudoeste asiático. Suécia, Noruega e Polónia.		
Habitat	Bosques.		
Alimentação	Omnívoro (Bolotas, frutos de faias e de bagas de diferentes espécies, insectos, ovos, lagartos, rãs, ratos e musaranhos).		
Reprodução	Postura de 3 a 6 ovos. O casal reveza-se no choco durante 16-19 dias. As crias são alimentadas por ambos os pais e geralmente estão completamente cobertas de penas entre os 21 e os 23 dias de idade.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.012.00</b>
<b>Comportamento</b>	Destemido, curioso mas também alerta. Pousa em campo aberto, saltita, esvoaça, levanta voo tanto na vegetação como no solo.		
<b>Voo</b>	Voo laborioso e directo.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
	DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).		D
	Lei nº 173/99 de 21 de Setembro (Lei da Caça), regulamentada pelo DL 201/2005 de 24 de Novembro.		-
<b>Factores de Ameaça</b>	A desflorestação e a perseguição humana constituem os dois principais factores de ameaça para esta espécie.		
<b>Medidas de Conservação</b>	-		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.013.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela do Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AMPHIBIA	Família	HYLIDAE
Ordem	ANURA	Género	<i>Hyla</i>
Nome Científico	<i>Hyla arborea</i>	Nome comum	Rela
Registo Fotográfico			
Identificação	Espécie de tamanho pequeno com comprimento entre 35 a 45 mm. Cabeça mais larga que comprida com focinho curto e arredondado. Dimorfismo sexual pouco acentuado, as fêmeas são maiores que os machos.		
Distribuição	Distribui-se pela Península Ibérica e Sul de França. Em Portugal ocorre em todo território.		
Habitat	Os indivíduos desta espécie encontram-se em zonas húmidas com vegetação abundante, normalmente nas proximidades de cursos de água, charcos, lagoas e prados húmidos.		
Alimentação	A sua dieta baseia-se essencialmente em centopeias, escaravelhos, aranhas, moscas, formigas.		
Reprodução	Inicia-se na Primavera. Cada fêmea deposita entre 200 a 1400 ovos.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Espécie de hábitos essencialmente crepusculares e nocturnos, mas em dias húmidos e chuvosos, pode apresentar actividade diurna.		
Voo	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
Tendência Populacional	Desconhecida.		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.013.00</b>
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Convenção de Berna.		II	
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).		B, IV	
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/destruição do habitat; destruição da vegetação ripícola; destruição de locais de reprodução; Intensificação agrícola; introdução de espécies exóticas, poluição.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Controlo da poluição; controlo de espécies exóticas; manutenção do mosaico rural; protecção da vegetação ripícola; protecção do habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.014.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	REPTILIA	Família	LACERTIDAE
Ordem	SQUAMATA	Género	<i>Lacerta</i>
Nome Científico	<i>Lacerta lépida</i>	Nome Comum	Sardão
Registo Fotográfico			
Identificação	Espécie de aspecto robusto com membros fortes com cinco dedos. Tem uma cauda muito comprida, podendo atingir duas vezes o comprimento do corpo.		
Distribuição	Península Ibérica (excepto o externo norte da Cordilheira Cantábrica e os Pirinéus), Sudeste de França e Ligúria italiana, algumas zonas isoladas no Sudoeste da costa atlântica francesa, ilhas do litoral galego (Sálvora, Martín, Monteagudo, Faro, Cortegada) e landes francesas (Oléron, Porquerolles).		
Habitat	Afloramentos rochosos e falésias interiores, Dunas com florestas de <i>Pinus pinea</i> e/ou <i>Pinus pinaster</i> Florestas de <i>Quercus ilex</i> e <i>Quercus rotundifolia</i> Habitats rochosos e arenosos de zonas interiores, Matos termo-mediterrânicos pré-estêpicos Montados de <i>Quercus spp.</i> De folha perene Terrenos agrícolas e paisagens artificializadas Terrenos ruderais e baldios.		
Alimentação	A sua dieta baseia-se essencialmente em invertebrados (escaravelhos, borboletas, abelhas, aranhas, centopeias) e é complementada com vegetais e frutos.		
Reprodução	É uma espécie ovípara. Com posturas de 5 a 22 ovos na altura da Primavera.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Espécie tipicamente terrestre, atingindo grande velocidade sobre o solo período de actividade máxima: entre Abril e Junho - nas zonas mais frias hiberna desde Outubro até Fevereiro. As fêmeas põem os ovos em árvores		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.014.00</b>
	ocas ou buracos no solo.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Regressão.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			II
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/destruição do habitat; atropelamentos; destruição/perturbação de indivíduos; florestação/desflorestação; práticas agrícolas.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Campanhas de educação ambiental; protecção do habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.015.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	MAMMALIA	Família	MUSTELIDAE
Ordem	CARNIVORA	Género	<i>Martes</i>
Nome Científico	<i>Martes foina</i>	Nome Comum	Fuinha
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>equeno carnívoro, com corpo alongado, membros baixos, cauda comprida e espessa. A cabeça larga e mais clara que o resto do corpo, orelhas salientes e arredondadas e o focinho é afilado. Pelagem: coloração castanha (por vezes arruivada) e mancha peitoral de cor clara (de branco a creme), que se estende desde a garganta até à zona inicial das patas anteriores e se divide em duas, por uma lista escura longitudinal. Patas mais escuras que o resto do corpo.</p>		
Distribuição	<p>Europa Continental não ocorrendo, no entanto, na Escandinávia. Está também presente nalgumas ilhas do Mediterrâneo. Pode ser encontrada em zonas florestais que apresentem linhas de água. Como locais de refúgio utilizam cavidades naturais de sobreiros, azinheiras, carvalhos, silvados e vegetação densa junto a linhas de água e habitações abandonadas.</p>		
Habitat	<p>Pode ser encontrada em zonas florestais que apresentem linhas de água. Como locais de refúgio utilizam cavidades naturais de sobreiros, azinheiras, carvalhos, silvados e vegetação densa junto a linhas de água e habitações abandonadas.</p>		
Alimentação	<p>A dieta da fuinha varia muito, dependendo da disponibilidade de alimentos. É um predador generalista e oportunista, consumindo principalmente pequenos mamíferos, aves, insectos e ovos. Alimenta-se também de frutos e de desperdícios deixados pelo Homem.</p>		
Reprodução	<p>apesar do acasalamento poder ocorrer em qualquer mês do ano, é mais comum nos meses de Fevereiro a Maio e de Julho a Setembro. Devido à implantação retardada (que pode durar de 3 a 10 meses), as crias geralmente nascem em meados de Janeiro ou início de Fevereiro e só saem das tocas ao fim de cerca</p>		






<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.015.00</b>
	de 8 semanas. A gestação dura cerca de 7 semanas e a ninhada pode ter entre 1 a 5 crias.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	De hábitos solitários, pouco conspícuos e maioritariamente nocturnos, embora, em zonas onde é abundante, seja possível observá-la durante o dia. Desloca-se aos saltos no solo e é boa trepadora. O contacto vocal é muito intenso entre a progenitora e os juvenis.. É territorialista, defendendo o seu território de caça, que percorre pelos mesmos trilhos, em busca de alimento. Dentro do seu território, dispõe de vários refúgios que podem ser cavidades em árvores ocas, montículos de pedras ou construções humanas pouco frequentadas, como estábulos, celeiros e sótãos. Não tem por hábito escavar a sua toca no solo.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante. Espécie Protegida.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Convenção de Berna.		III	
<b>Factores de Ameaça</b>	Os principais factores de ameaça para a fuinha são a destruição do habitat e a pressão humana. A destruição de habitat corresponde a acções de desmatção, queimadas e limpeza da vegetação que ladeia as linhas de água, uma vez que são tipos de habitat que a fuinha utiliza. A pressão humana advém de encontros acidentais da fuinha com o homem, devido ao facto de utilizar habitações abandonadas como refúgio. Esta espécie, apesar de não ser classificada como cinegética, sofre pressão por parte de caça furtiva e captura acidental aquando do controlo de densidades de alguns predadores.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Uma melhor gestão da caça, consciencialização da sociedade para os problemas resultantes da degradação ambiental.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.016.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	SAUROPSIDA	Família	EMYDIDAE
Ordem	TESTUDINES	Género	Mauremys
Nome Científico	<i>Mauremys leprosa</i>	Nome Comum	Cágado-mediterrânico
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>De carapaça mais ou menos uniforme na sua coloração geralmente verde oliváceo, acinzentada ou parda. Por vezes com tons alaranjados ou manchas claras, difusas e pouco contrastadas, dispersas pela carapaça. Pode haver nalguns exemplares uma ligeira quilha longitudinal na linha média dorsal. A região ventral da carapaça tem uma coloração amarelada. No pescoço, patas e cauda os cágados apresentam frequentemente escamas amareladas características. A distinção entre machos e fêmeas é feita através da observação da região ventral da carapaça. Nos machos é côncava enquanto que nas fêmeas é normalmente plana ou ligeiramente convexa.</p> <p>São animais de elevada longevidade, podendo viver até aos 35 anos de idade.</p>		
Distribuição	Península Ibérica, por alguns locais do Sul de França, Líbia, Tunísia, Argélia, Marrocos, Senegal, Benim e Níger e Norte de Marrocos.		
Habitat	<p>O Cágado-mediterrânico pode ser encontrado numa grande variedade de habitats aquáticos, dulciaquícolas ou de baixa salinidade, de águas paradas ou de corrente lenta, permanentes ou temporárias, como charcos, pauis, represas, albufeiras, ribeiras e rios, preferindo locais com elevada cobertura de vegetação aquática e elevada insolação das margens. A espécie apresenta uma clara preferência por habitats com uma forte componente palustre - águas paradas, baixa profundidade e grau de cobertura de vegetação aquática razoável. A espécie é rara em rios e ribeiros de corrente rápida e em zonas montanhosas de maior altitude, não se tendo encontrado indivíduos acima dos 1000 m.</p> <p>Partilha em inúmeros locais a mesma zona húmida com o Cágado-de-carapaça-estriada, existindo, no entanto, uma menor associação do Cágado-</p>		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.016.00</b>
	mediterrânico a habitats aquáticos temporários. São desconhecidas possíveis interferências entre estas duas espécies.		
<b>Alimentação</b>	Os dados publicados sobre a alimentação desta espécie sugerem uma elevada componente vegetal e de invertebrados na sua dieta, o que está de acordo com a sua preferência por locais com maior cobertura de vegetação, podendo ainda incluir peixes e anfíbios (larvas e adultos).		
<b>Reprodução</b>	A tardia maturidade sexual das fêmeas - cerca dos 6-10 anos de idade contribui para uma reduzida taxa de crescimento populacional. Os machos atingem a maturidade sexual mais cedo, entre os 2-4 anos de idade. Existem estudos que indicam que as cópulas ocorrem na Primavera, apesar de vários autores referirem a sua ocorrência no Outono em Portugal e Espanha. As cópulas ocorrem frequentemente dentro de água mas podem também ocorrer em terra. As posturas ocorrem normalmente durante os meses de Junho e Julho, variando entre 1-12 ovos. A fêmea escava um fosso com aproximadamente 15cm de profundidade em local arenoso e fora da água, que cobre depois de depositada a postura. Em outros estudos foram encontrados recém-nascidos durante o mês de Março, o que pode implicar a destruição de posturas durante os trabalhos agrícolas do Outono.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	De hábitos diurnos, pode hibernar em zonas frias, mantendo-se activo em zonas mais quentes. Poderá apresentar períodos de estivação durante os quais se enterra no fundo das massas de água.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Decreto-Lei nº 140/99, de 24 de Abril, com a redacção que lhe é dada pelo Decreto-Lei nº 49/05, de 24 de Fevereiro, transposição da Directiva Habitats (92/43/CEE), de 21 de Maio de 1992			II e IV
Decreto-Lei nº 316/89, de 22 de Setembro, transposição da Convenção de Berna			II
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração e destruição dos cursos de água e zonas palustres, as capturas intencionais e a introdução de espécies exóticas; drenagem e aterro de zonas húmidas; destruição da vegetação ripícola; regularização de sistemas hídricos; sobre-exploração dos recursos hídricos; extracção de materiais inertes; construção de empreendimentos hidráulicos e hidroeléctricos; poluição resultante de descargas de efluentes; crescente procura das zonas húmidas; pastoreio não controlado; capturas ilegais.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Manter as populações de <i>Mauremys leprosa</i> ; manter a área de ocupação actual; recuperar o habitat; assegurar habitat de alimentação; assegurar habitat de reprodução; assegurar habitat de abrigo.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.017.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela do Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	MAMMALIA	Família	MUSTELIDAE
Ordem	CARNIVORA	Género	<i>Meles</i>
Nome Científico	<i>Meles meles</i>	Nome comum	Texugo
Registo Fotográfico			
Identificação	Animal de tamanho médio, corpulento, cabeça triangular e cauda curta. Cabeça branca com duas listas negras que a atravessam de forma longitudinal. Corpo com pelagem de cor cinzenta e extremidades negras.		
Distribuição	Habita toda a Euroásia temperada, exceptuando o Norte da Escandinávia e da Rússia, estando inclusivamente presente nalgumas ilhas do Mediterrâneo (ex: Creta). Em Portugal está presente em todo o território continental, sendo uma espécie relativamente abundante. Há no entanto, escassez de informação biológica e ecológica sobre a sua situação em Portugal.		
Habitat	Europa. Habitam em bosques de caducifólias e montanhas até os 2000 m. Bastante frequente em paisagens mistas de zonas arborizadas e pastagens em regiões acidentadas. Também pode ser encontrado em hortas, olivais ou mesmo jardins.		
Alimentação	Bagas silvestres, raízes, tubérculos, minhocas, insectos, rãs e carne putrefacta.		
Reprodução	Apesar de o acasalamento poder ocorrer em qualquer mês do ano, é mais comum nos meses de Fevereiro a Maio e de Julho a Setembro. Devido à implantação retardada (que pode durar de 3 a 10 meses), as crias geralmente nascem em meados de Janeiro / início de Fevereiro e só saem das tocas ao fim de cerca de 8 semanas. A gestação dura cerca de 7 semanas e a ninhada pode ter entre 1 a 5 crias.		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.017.00</b>
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Com hábitos essencialmente nocturnos iniciando a sua actividade após o por de sol. Pode percorrer longas distâncias durante a noite regressando a toca pouco antes de amanhecer. Sociáveis podendo formar grupos de 3 a 12 indivíduos. É normal terem como actividade social limparem-se mutuamente, catarem-se, marcarem-se uns aos outros esfregando a região anal num dos flancos. As crias permanecem junto as tocas (texugueiras) para aprenderem técnicas de caça e fuga aos inimigos. As texugueiras podem ser “herdadas” ao longo de várias gerações. Embora não hiberne pode passar, nas alturas mais frias do Inverno, dias seguidos sem sair da toca, mantendo-se com as reservas de gordura acumuladas no corpo.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Convenção de Berna		III	
<b>Factores de Ameaça</b>	Desflorestação; perseguição através da caça furtiva, ou do envenenamento accidental ou propositado; atropelamento; predadores naturais (raposa, o gato-bravo, a gineta e as aves de rapina).		
<b>Medidas de Conservação</b>	A sua caça no nosso país está proibida desde 1986.		
<b>Observações/comentários</b>	Existe a indicação de que os texugos enterram os seus mortos, escavando um buraco e colocando o texugo que morreu no seu interior.		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.018.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	MAMMALIA	Família	MUSTELIDAE
Ordem	CARNIVORA	Género	<i>Mustela</i>
Nome Científico	<i>Mustela putorius</i>	Nome Comum	Toirão
Registo Fotográfico			
Identificação	De corpo alongado e cilíndrico e patas relativamente curtas. A cabeça é pequena e achatada e as suas orelhas são diminutas e arredondadas. A característica morfológica que mais facilmente permite a sua identificação é a cor da pelagem. O dorso é castanho-escuro, os flancos são claros, o ventre quase negro e a cauda é escura. Possui uma mancha branca à volta da boca e queixo e outra entre os olhos e as orelhas, que têm também a extremidade branca. Para além disto a pelagem é lisa, densa e sedosa, sendo a cauda tufada.		
Distribuição	Europa excepto na Península Balcânica, nas ilhas mediterrânicas, Irlanda e Islândia.		
Habitat	Tem preferência por zonas húmidas, explorando especialmente o interface terra/água, mas pode frequentar qualquer tipo de habitat que possua as suas presas.		
Alimentação	Pequenos roedores, aves e répteis.		
Reprodução	Os acasalamentos verificam-se entre Março e Junho, existindo alguns registos de juvenis nascidos em Maio. A gestação dura 41 a 42 dias e os partos ocorrem entre Abril e Junho. Podem nascer entre 1 e 12 crias, mas geralmente nascem entre 3 e 7. O desmame verifica-se no final do primeiro mês e tornam-se independentes aos 3 meses.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.018.00</b>
<b>Comportamento</b>	É um animal solitário com comportamento claramente territorial. A sua actividade é principalmente nocturna e crepuscular, podendo deslocar-se 7.5 Km por noite. Há, no entanto, muitos registos de toirões activos durante o dia, especialmente no Outono e Inverno em climas frios. Quando possui uma fonte abundante de alimento pode ficar a descansar por longos períodos na sua toca.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	DD – Informação Insuficiente.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			III
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem)			B V
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/ destruição do habitat; atropelamentos; controlo de predadores; destruição/perturbação de indivíduos; escassez de presas naturais; hibridação.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Controlo de hibridação; fiscalização da caça; manutenção do mosaico rural; protecção de indivíduos; protecção do habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.019.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	REPTILIA	Família	COLUBRIDAE
Ordem	SERPENTES	Género	<i>Natrix</i>
Nome Científico	<i>Natrix maura</i>	Nome Comum	Cobra-de-água-viperina
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Cobra de pequenas dimensões, com o corpo relativamente fino e pouco comprido. Cabeça bem destacada do tronco e focinho aplanado. Coloração: Coloração dorsal de fundo muito variável, em geral acastanhada, amarelada ou esverdeada, O desenho dorsal consta geralmente de uma série de manchas escuras de forma e dimensões variáveis, formando frequentemente uma banda dorsal irregular em zig-zag. Por vezes existem duas bandas longitudinais claras, mais ou menos bem definidas. Na parte posterior da cabeça é frequente a presença de uma mancha escura em forma de V (com vértice anterior). Região ventral de cor esbranquiçada/amarelada a encarniçada, com manchas escuras quadrangulares. São referidos animais melânicos, encarniçados e albinos. Forma da pupila: Redonda Escamas: Duas escamas pré-oculares e duas escamas pós-oculares. Habitualmente 7 supra-labiais de cada lado com 3 a 4 contactando com o olho. Um temporal anterior e 2-3 posteriores. Rostral não interposta claramente entre as internasais, que contactam entre si através de uma ampla sutura. Frontal mais comprida que larga. Dorso revestido por escamas fortemente carenadas Dimensões: Comprimento total – cerca de 100 cm, correspondendo em geral 18 cm à cauda. Dimorfismo Sexual: As fêmeas atingem, em geral, maiores dimensões do que os machos e têm geralmente as caudas proporcionalmente mais compridas. Descrição do juvenil Os recém nascidos medem em geral entre 17 e 20 cm de comprimento total e o seu aspecto é basicamente semelhante ao do adulto.</p>		
Distribuição	Está presente em toda a Península Ibérica, Centro e Sul de França, Sudoeste da Suíça, Noroeste da Itália e Norte de África. Encontra-se amplamente distribuída em todo o território nacional		
Habitat	Encontra-se frequentemente em canais de irrigação, rios, ribeiras, charcos, barragens etc., sendo tolerante a níveis elevados de salinidade.		





<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.019.00</b>
<b>Alimentação</b>	Alimenta-se sobretudo de anfíbios (adultos e larvas), pequenos peixes, insectos e gastrópodes. Só esporadicamente captura micromamíferos.		
<b>Reprodução</b>	A idade de Maturação é 4 a 5 anos nas fêmeas, sendo os machos mais precoces (3 anos). Podem existir dois períodos de acasalamento anuais, na Primavera entre Março e Maio e no Outono em Setembro / Outubro. O período de incubação depende da temperatura ambiental. As eclosões decorrem entre Agosto e Outubro. A postura geralmente varia entre 4 a 14 ovos, sendo os ovos depositados na proximidade da água, sob pedras, entre as raízes de arbustos ou entre restos vegetais em decomposição. Por vezes constituem núcleos numerosos, o que sugere alguma selectividade na procura dos locais de postura.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Esta espécie raramente se afasta muito da água, sendo excelente nadadora. Evita o excesso de insolação permanecendo dentro de água ou entre a vegetação das margens. De modo a favorecer a termorregulação costuma expandir-se lateralmente sobre o substrato. É totalmente inofensiva. Quando molestada exala uma secreção cloacal de odor fétido. Em posição de defesa, expande lateralmente a parte posterior da cabeça, tornando-a mais triangular e enrola-se, emitindo silvos. É este comportamento que, associado à frequente presença do desenho dorsal em "zig-zag", a faz assemelhar-se às víboras. Circadiana: Pode manifestar-se activa tanto de dia como de noite, dependendo da época do ano. Na Primavera e Outono são basicamente diurnas. No Verão têm actividade também nocturna. Sazonal: Interrompe a actividade nos meses mais frios (Novembro/Fevereiro), permanecendo em orifícios nas margens, em galerias de micromamíferos e entre as raízes das árvores.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>	<b>Anexo</b>		
Convenção de Berna.	III		
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/destruição do habitat; destruição/perturbação de indivíduos.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Protecção do habitat; campanhas de educação ambiental.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.0020.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	ACTINOPTERYGII (OSTEICHTHYES) PISCES	<b>Família</b>	SALMONIDAE
<b>Ordem</b>	ISOPONDYLI (CLUPEIFORMES)	<b>Género</b>	<i>Oncorhynchus</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Oncorhynchus mykiss</i>	<b>Nome comum</b>	Truta-arco-íris
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	De cor verde azeitona, branco prateado na parte inferior do corpo, corpo muito malhado e uma faixa vermelha ao longo das laterais. Quando a truta arco-íris deixar lagos para desovar, suas cores tornam-se mais intensa. A faixa rosa que está presente nas laterais do peixe lago torna-se uma rica cor vermelha.		
<b>Distribuição</b>	Uma das espécies de peixe mais amplamente introduzida no mundo. Nativo do Oeste da América do Norte, do Alasca até a península de Baja. <i>Oncorhynchus mykiss</i> , foram introduzidos em inúmeros países do desporto e da aquicultura comercial.		
<b>Habitat</b>	Meios lênticos (doces), troços de cursos de água com dinâmica natural e semi-natural (leitões pequenos, médios e grandes), em que a qualidade da água não apresente alterações significativas.		
<b>Alimentação</b>	s juvenis alimentam principalmente de zooplâncton. Os adultos alimentam-se de insectos aquáticos e terrestres, moluscos, crustáceos, ovos, peixes, peixinhos e outros pequenos peixes (incluindo outros truta).		
<b>Reprodução</b>	A fertilização é externa, a truta fêmea escava um buraco no leito de cascalho onde deposita os ovos entre 700 a 4000 ovos. O macho fertiliza os ovos, e estes de seguida são cobertos com uma camada de cascalho.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	NInd – Não Indígena.		
<b>Comportamento</b>	A espécie movimenta-se ao longo do rio deslocando-se para zonas de		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.0020.00</b>
	cascalho na face de reprodução.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de conservação PT Continente</b>	NA – Não aplicável.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
DL 312/70 de 6 de Julho (Lei da Pesca)			-
DL 44623/62 de 10 de Outubro (Lei da Pesca)			-
DL 565/99, de 21/12 Regula a introdução de espécies não-indígenas da flora e da fauna			I e III
Lei nº 2097 de 6 de Junho de 1959			-
<b>Factores de Ameaça</b>	-		
<b>Medidas de Conservação</b>	-		
<b>Observações/comentários</b>	Oncorhynchus mykiss é altamente valorizado como um sportfish , com lotação regular ocorrendo em muitos locais onde as populações selvagens não podem suportar a pressão dos pescadores. Preocupações têm sido levantadas sobre os efeitos da truta introduzida em algumas áreas , e da forma como esta espécie poderá afectar os peixes e invertebrados nativos através de predação e competição.		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.0021.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	MAMMALIA	Família	LEPORIDAE
Ordem	LAGOMORPHA	Género	Oryctolagus
Nome Científico	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Nome Comum	Coelho bravo
Registo Fotográfico			
Identificação	É um pequeno herbívoro que mede entre 35 e 50 cm e pesa entre 1,2 e 2,5 Kg. Tem uma pelagem de cor acinzentada com laivos amarelo-acastanhados na nuca e nas patas, e a face anterior esbranquiçada.		
Distribuição	Europa, pelo Norte de África, Austrália, Nova Zelândia, Argentina e Chile.		
Habitat	Tem como habitat preferencial as áreas mistas, do tipo mosaico, com abrigo (matos e bosques temperados) e zonas abertas (pastagens naturais e artificiais, terrenos agrícolas).		
Alimentação	Grande variedade de produtos herbáceos, incluindo variedades hortícolas quando tenras, cereais verdes e frescos, frutos, sementes ou cascas de árvores.		
Reprodução	A taxa de reprodução máxima é verificada nos meses de Janeiro a Maio e normalmente durante os meses de Julho e Setembro não se reproduzem (devido ao clima e falta de alimento).		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Sedentário vive em colónias, nunca se afastando mais de 300 m. No entanto existem dois períodos, um no final da época de reprodução os jovens machos que se dispersam e outro no princípio da época de reprodução, no qual os		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.0021.00
	animais se deslocam procura uma colónia nova.		
Voo	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
Tendência Populacional	Desconhecida.		
Estatuto de Conservação PT Continente	NT – Quase Ameaçado.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
Designação	Anexo		
	-		
Factores de Ameaça	Espécie sujeita a duas graves epizootias, mixomatose e dhv, para as quais não foram ainda descobertas vacinas ou outras formas de evitar a sua propagação; perda e degradação do habitat; prática de medidas de gestão cinegética desadequadas como a sobreexploração e o recurso a acções de repovoamento sem um eficiente controlo sanitário e genético.		
Medidas de Conservação	Só é legalmente permitido deter, criar e reproduzir em cativeiro e realizar repovoamentos com indivíduos da subespécie <i>Oryctolagus Cuniculus Algerus</i> ; assegurar a integridade desta subespécie, minimizando as possibilidades de hibridação. Realização de estudos para melhor conhecer a distribuição e efectivo populacional, recuperar os efectivos populacionais, assegurando a exploração adequada dos efectivos existentes.		
Observações/comentários	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.022.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	STRIGIDAE
Ordem	STRIGIFORMES	Género	<i>Otus</i>
Nome Científico	<i>Otus scops</i>	Nome Comum	Mocho-de-orelhas
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Caracteriza-se pelos pequenos tufos que possui sobre a cabeça, que se assemelham a "orelhas". Tal como a maioria dos membros da sua família, tem hábitos nocturnos e só raramente se vê de dia. O seu canto é monótono, que na Primavera se faz ouvir durante horas a fio é geralmente a melhor forma de localizar esta espécie. Contudo, é importante lembrar que o canto do sapo parteiro é muito semelhante, podendo causar confusão.</p>		
Distribuição	<p>A sua distribuição enquanto nidificante estende-se de modo contínuo por grande parte do Paleártico, desde a Península Ibérica e Marrocos até ao Irão, norte do Paquistão e Índia e Noroeste da China, por sul, e Ásia Central até ao Lago Baical, por norte. Latitudinalmente, vai da França, Suíça, Áustria, Hungria, República Checa, Ucrânia e metade sul da Rússia europeia, até ao noroeste africano, todas as ilhas do Mediterrâneo, Próximo Oriente, e sul do Paquistão e noroeste da Índia. Não está presente na Grã-Bretanha, em muitos países centro europeus e na metade norte da região boreal da Eurásia. As populações mais meridionais da sua área de distribuição são completamente migradoras, invernando desde o Mediterrâneo até ao Equador. As do sul são parcialmente migradoras ou mesmo residentes, embora neste caso os efectivos sejam notoriamente mais reduzidos no Inverno, como na Península Ibérica, conhecendo-se populações invernantes em Espanha, Sul de Itália e Grécia e nas ilhas mediterrânicas das Baleares, Córsega e Sicília. Em Portugal, a espécie surge praticamente em todo o território nacional, tendo uma distribuição mais contínua nas Beiras interiores, Trás-os-Montes e Minho.</p>		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.022.00</b>
<b>Habitat</b>	Em Portugal é variado e é constituído por bosques e bosquetes pouco densos, desde manchas de carvalho-negral ( <i>Quercus pyrenaica</i> ), a soutos ( <i>Castanea sativa</i> ) e matas ripícolas, em regra na proximidade de áreas abertas, e ainda parques e jardins urbanos ou quintas. No nordeste algarvio é observado em plantações horto-frutícolas, montados de sobro e azinho pouco densos e vegetação ripícola desenvolvida.		
<b>Alimentação</b>	Caçar pequenos roedores mas prefere alimentar-se de insectos e invertebrados.		
<b>Reprodução</b>	Geralmente em Maio, a fêmea deposita 2 a 5 ovos que incuba sozinha durante três semanas e meia, sendo alimentada pelo macho. As crias voar antes das três semanas de idade, mas mantêm-se junto dos pais quase até ao final do Verão.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Migrador reprodutor.		
<b>Comportamento</b>	Esta ave de rapina vive normalmente solitária, por vezes em pequenos grupos. Essencialmente noctívaga atingindo o pico de actividade antes da meia-noite. De madrugada retira-se para o seu abrigo sempre bem protegidos passando o dia sem agitação. Formam casais monogâmico e mesmo com a perda precoce do parceiro raramente um novo par.		
<b>Voo</b>	Errático.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	DD – Informação Insuficiente.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			II
Convenção de Washington (CITES).			II A
<b>Factores de Ameaça</b>	As ameaças em Portugal não são bem conhecidas. Alteração ou degradação do habitat; utilização dos pesticidas com a concomitante redução de presas e bio-acumulação de substâncias tóxicas; abate a tiro; a perda de árvores adequadas à nidificação; roubo de ninhos e a colisão com automóveis.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Dinamização de campanhas de sensibilização ambiental; dinamização e aumento dos subsídios e apoios à conservação de habitat; sensibilização dos agricultores, em particular para a adopção de boas práticas agrícolas; reforço da fiscalização relativa ao abate ilegal e roubo de ninhos e aumento das penalizações; realização de censos e monitorizações periódicas, que permitam conhecer melhor o tamanho e tendência da população, e o estudo dos diferentes aspectos da sua biologia e ecologia.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.023.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	PASSERIDAE
Ordem	PASSERIFORMES	Género	Passer
Nome Científico	<i>Passer domesticus</i>	Nome Comum	Pardal-de-telhado
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Os machos e as fêmeas apresentam plumagens diferentes, sendo o primeiro caracterizado pelo babete preto, a testa e a coroa cinzentas, os loros escuros e o dorso acastanhado com marcas escuras. As fêmeas não possuem babete nem os loros escuros, apresentando a plumagem acastanhada e uma lista creme desde o olho à nuca. O bico é grosso, como é próprio das aves granívoras. Medem aproximadamente 15 cm de comprimento (entre 14 e 16 cm), sendo que a amplitude entre as asas mede entre 19-25 cm.</p>		
Distribuição	<p>Ocorre durante todo o ano, podendo formar bandos de grandes dimensões, especialmente em zonas agricultadas ou em dormitórios de parques urbanos.</p>		
Habitat	<p>As vilas e cidades são o habitat preferido destas aves apesar de poderem ser encontrados também no campo, em grande abundância.</p>		
Alimentação	<p>A alimentação do pardal dos telhados consiste em sementes, tais como a aveia, trigo, milho, cevada e arroz. Os pardais que vivem em zonas urbanas completam a sua alimentação com restos domésticos.</p>		
Reprodução	<p>As chaminés e os beirais das casas proporcionam locais ideais para construção dos ninhos. Formam pares monogâmicos durante cada época de reprodução. Os ninhos são construídos entre os meses de Fevereiro e Março, feitos de vegetação seca, penas e fio. Os ovos são postos durante qualquer época no período reprodutivo. Machos e fêmeas chocam os ovos (entre 10 e 14 dias) e alimentam os filhotes regurgitando o alimento previamente capturado</p>		






<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.023.00</b>
	e digerido.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Nas zonas densamente arborizadas, podemos encontrar numerosos bandos destes barulhentos animais, que alegram os fins de tarde, voando de árvore em árvore até ao anoitecer.		
<b>Voo</b>	Directo.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>	<b>Anexo</b>		
-	-		
<b>Factores de Ameaça</b>	-		
<b>Medidas de Conservação</b>	-		
<b>Observações/comentários</b>	Espécie mais associada ao meio urbano e nem evita a visita aos beirais das nossas janelas na procura de migalhas.		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.024.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	REPTILIA	Família	LACERTIDAE
Ordem	SAURIA	Género	<i>Podarcis</i>
Nome Científico	<i>Podarcis hispanica</i>	Nome Comum	Lagartixa-ibérica
Registo Fotográfico			
Identificação	Uma lagartixa do género <i>Podarcis</i> de 5-7 cm de comprimento em média medido do focinho até ao ventre.		
Distribuição	Pode ser encontrada na Península Ibérica, no noroeste africano e em distritos costeiros em Languedoc-Roussillon, França.		
Habitat	Afloramentos rochosos e falésias interiores, Cidades, povoações e zonas industriais, Florestas, Prados mediterrânicos húmidos de herbáceas de pequeno porte.		
Alimentação	Espécie insectívora. Alimenta de presas de pequeno porte, designadamente moscas, mosquitos, centopeias, aranhas, gafanhotos, formigas e escaravelhos.		
Reprodução	O período de acasalamento inicia-se em Fevereiro, com lutas territoriais e perseguições dos machos às fêmeas. As cópulas estendem-se de Fevereiro até Abril e têm uma duração variada, desde poucos minutos até cerca de uma hora. O macho mantém a fêmea imóvel, mordendo-a no baixo-ventre ou, mais raramente, na base da cauda. As posturas ocorrem entre Abril e Julho, de forma que muitas fêmeas são capazes de realizar duas a três posturas por ano.		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente.		
Comportamento	Espécie activa durante praticamente todo o ano. É um animal ágil, desconfiado e esquivo., com facilidade em trepar. Refugia-se em fendas, tirando partido da sua peculiar morfologia, com a cabeça e corpo achatados.		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.024.00</b>
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			II
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).			B, IV
<b>Factores de Ameaça</b>	Não identificados.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Medidas não previstas.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.025.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	REPTILIA	<b>Família</b>	LACERTIDAE
<b>Ordem</b>	SAURIA	<b>Género</b>	<i>Psammmodromus</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Psammmodromus algirus</i>	<b>Nome Comum</b>	Lagartixa-do-mato
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	Lagartixa de tamanho médio e de aspecto robusto. Coloração ventral esbranquiçada.		
<b>Distribuição</b>	Espécie ibero-mediterrânica que ocorre em Portugal, Espanha e Sul de França. Em Portugal a sua distribuição apresenta-se algo fragmentada, ocorrendo na bacia do Tejo, na região Oeste, nas Beiras interiores, em Trás-os-Montes e parte do Alentejo e Algarve.		
<b>Habitat</b>	Esta espécie ocorre numa grande variedade de habitats, mas é frequentemente encontrada em pinhais com solo arenoso, e áreas de cobertura arbustiva mais ou menos dispersa.		
<b>Alimentação</b>	A sua dieta baseia-se essencialmente em pequenos invertebrados (formigas, gafanhotos, aranhas, escaravelhos).		
<b>Reprodução</b>	Espécie ovípara. Época de Reprodução de Abril a Junho efectuando geralmente postura de 2-11 ovos.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Espécie de actividade sobretudo diurna, é extremamente ágil e possui notáveis capacidades trepadoras. Só se retira para o seu abrigo quando desaparecem os últimos raios solares. Ao ouvirem um ruído estranho imobilizam-se completamente, podendo permanecer nessa posição durante		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.025.00</b>
	algum tempo. No entanto, se aproximarem dela foge a grande velocidade, refugiando-se nos matos ou trepando por arbustos e árvores.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Convenção de Berna.		III	
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/Destruição do habitat.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Protecção do habitat, sensibilização ambiental.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.026.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AMPHIBIA	Família	RANIDAE
Ordem	ANURA	Género	<i>Rana</i>
Nome Científico	<i>Rana iberica</i>	Nome Comum	Rã-ibérica
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Esbelto, pele lisa, por vezes granulosa pequenas saliências dorsais. Com dois cordões glandulares dorso-laterais, desde a parte posterior do olho até à parte posterior do corpo. Cabeça pontiaguda. Olhos grandes salientes. Não tem saco vocal, nem glândulas paratóides. A articulação tibio-társica ultrapassa o nível da extremidade do focinho quando se rebatem para diante os membros posteriores. Presença de uma mancha escura na região temporal. Pregas dorso-laterais separadas. Morfologia interna: Dentes voméricos situados após às coanas. Coloração: região dorsal variar de acastanhado claro a escuro com tons esverdeadas e cobreados salpicado manchas mais escuras. Duas bandas estreitas e escuras vindas da cabeça, atravessam os orifícios nasais chegam aos olhos. Os flancos são mais claros que o dorso e podem ter pequenas manchas negras. Sobre as patas tem quase sempre bandas escuras transversais. Patas com bandas escuras transversais. Região ventral cor esbranquiçada. Membros anteriores com 4 dedos. Membros posteriores com 5 dedos e membrana interdigital. Comprimento do corpo. Machos: 30-40 mm; Fêmeas: 40-50 mm, podendo atingir ocasionalmente os 70 mm. Machos mais pequenos com membros anteriores mais robustos e calosidades nupciais no dedo mais interno de cada mão. Soam como um rápido coc-coc-coc. Larva mede até 50 mm. Girinos de cor acastanhada esverdeada e manchas claras na cauda e no dorso com reflexos metálicos. Crista caudal bastante alta e cauda em ângulo agudo. Espiráculo do lado esquerdo e o ânus do lado direito.</p>		
Distribuição	Esta espécie pode ser encontrada no noroeste da Península ibérica e possivelmente nos Pirenéus.		



FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.026.00
<b>Habitat</b>	Apresenta actividade tanto diurna como nocturna. Encontra-se activa durante todo o ano, embora seja menos conspícua nos dias mais frios do Inverno e durante os meses quentes de Verão. Trata-se de uma espécie típica de zonas montanhosas e muito associada à água, ocorrendo junto a ribeiros com vegetação abundante nas margens, cujos biótopos circundantes são frequentemente construídos por bosques caducifólios ou lameiros. Pode ainda ser encontrada numa enorme variedade de habitats desde charcos e lagoas até prados húmidos e terrenos encharcados, com vegetação herbácea abundante, ocorrendo desde o nível do mar até aos 1900 m, na Serra da Estrela.		
<b>Alimentação</b>	A sua dieta baseia-se essencialmente em pequenos invertebrados, tais como aranhas, larvas de insectos, caracóis e escaravelhos.		
<b>Reprodução</b>	O período reprodutivo estende-se por norma de Novembro a Março, variando com a altitude. O acasalamento é mais frequente durante a noite, sendo o amplexo auxiliar. As posturas são reduzidas - cerca de 100-450 ovos - e variam com o tamanho da fêmea. Esta deposita os ovos em massas esféricas e compactas, na vegetação aquática ou entre pedras, em zonas de remanso de ribeiras ou no fundo lamacento de charcos. O desenvolvimento da larva dura cerca de três meses.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Espécie muito ligada à água, podendo contudo afastar-se para as margens dos cursos de água em locais de vegetação de tipo herbáceo ou arbóreo. São basicamente nocturnas, apesar de também se observarem activas durante o dia, dependendo das condições ambientais. O período de actividade varia e depende principalmente da altitude onde se localizam as populações. Em particular a altitudes elevadas, a actividade pode reduzir-se nos meses quentes, principalmente Julho e Agosto.		
<b>Voo</b>	-		
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			II
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).			B, IV
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/destruição do habitat; destruição de locais de reprodução; destruição/perturbação de indivíduos; florestação/desflorestação; intensificação agrícola; introdução de espécies exóticas; poluição industrial; poluição pecuária; regularização de sistemas hídricos.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Controlo da poluição; controlo de espécies exóticas; manutenção da agricultura tradicional; ordenamento florestal; prevenção de incêndios; protecção do habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.027.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	MAMMALIA	<b>Família</b>	RHINOLOPHIDAE
<b>Ordem</b>	CHIROPTERA	<b>Género</b>	<i>Rhinolophus</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Rhinolophus ferrumequinum</i>	<b>Nome Comum</b>	Morcego-de-ferradura-grande
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	<p>Trata-se da maior espécie europeia pertencente a este género. As membranas alares são castanhas escuras. Nas estruturas membranosas que rodeiam o nariz, as margens da sela são fortemente côncavas, formando um ápice arredondado e o processo conectivo é redondo e salienta-se aproximadamente o mesmo que a sela. Pelagem: O seu pêlo é castanho claro, com as extremidades mais escuras no dorso. Peso e Dimensões: Comp. cabeça-corpo: 57-71 mm; Comp. Cauda: 35-43 mm; Comp. Antebraço: 54-61 mm; Envergadura: 350-400 mm; Peso: 17-34g. Dimorfismo sexual: Inexistente. Vocalizações: Sinais de frequência constante (77-83 kHz) e longa duração (30-40 ms). Longevidade: Idade máxima registada de 30 anos.</p>		
<b>Distribuição</b>	<p>Eurásia temperada, da Península Ibérica ao Japão e do Noroeste africano à Índia Em Portugal, é mais comum no Norte e no Centro, aparecendo apenas esporadicamente no Algarve.</p>		
<b>Habitat</b>	<p>Surge em zonas calcárias, onde utiliza grutas como abrigo, utilizando também minas e construções humanas, em particular durante a época de criação. Parece caçar essencialmente em zonas bem arborizadas, utilizando ocasionalmente zonas abertas próximas destas.</p>		
<b>Alimentação</b>	<p>A sua dieta é essencialmente constituída por grandes insectos, especialmente borboletas nocturnas e escaravelhos. Caça em voo geralmente baixo e lento, podendo planar e capturar insectos do solo.</p>		





<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.027.00</b>
<b>Reprodução</b>	Regra geral, as fêmeas atingem a maturidade sexual no terceiro ou quarto ano de idade, enquanto os machos se tornam maduros a partir do segundo ano. Época de acasalamento: Outono e talvez Inverno. Época de nascimentos: Junho. Nº de crias/ninhada: Apenas uma cria por ano.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	De actividade nocturna. Abandona o abrigo ao anoitecer. Hiberna no Inverno, podendo no entanto alimentar-se junto à entrada do abrigo em condições climáticas amenas. Ao longo de todo o ano, os indivíduos desta espécie formam em geral pequenas colónias pouco compactas ou mesmo dispersas. A sua dimensão é muito variável, sendo frequente encontrar grupos desde menos de 10 indivíduos até colónias com muitas dezenas de animais. Mais raramente, é possível observar grupos com algumas centenas de indivíduos. Não se abrigam, em geral, em associação próxima com outras espécies de morcegos, ainda que tal possa, por vezes, acontecer.		
<b>Voo</b>			
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Em regressão.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	VU – Vulnerável.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Decreto-Lei nº 31/95, de 18 de Agosto (aprovação do Acordo sobre a Conservação dos Morcegos na Europa).			
Decreto-Lei nº 316/89, de 22 de Setembro, transposição da Convenção de Berna.		II	
Decreto nº 103/80, de 11 de Outubro, transposição da Convenção de Bona.		II	
Decreto-Lei nº 140/99, de 24 de Abril, transposição da Directiva Habitats (92/43/CEE), de 21 de Maio de 1992.		BII, IV	
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/Destruição do habitat; atropelamentos; destruição da vegetação ripícola; destruição de abrigos; destruição/perturbação de indivíduos; práticas agrícolas.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Campanhas de Educação Ambiental; controlo da poluição; manutenção da agricultura tradicional; Protecção de abrigos / dormidas, protecção do habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.028.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	MAMMALIA	<b>Família</b>	RHINOLOPHIDAE
<b>Ordem</b>	CHIROPTERA	<b>Género</b>	<i>Rhinolophus</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Rhinolophus hipposideros</i>	<b>Nome Comum</b>	Morcego-de-ferradura-pequeno
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	<p>Trata-se da mais pequena espécie de <i>Rhinolophus</i> existente na Europa. A sela é mais proeminente que as de todos os restantes <i>Rhinolophus</i> ibéricos e as suas margens são fortemente convergentes. As membranas alares são mais escuras que o pêlo dorsal. Pelagem: O pêlo é longo, castanho-acinzentado muito pálido, tendo no dorso extremidades com uma tonalidade muito mais escura. Peso e dimensões: Comp. cabeça-corpo: 37-45 mm; Comp. cauda: 23-33 mm; Comp. antebraço: 37-42,5 mm; Envergadura: 192-254 mm; Peso: 5-9 g. Dimorfismo sexual: Inexistente. Vocalizações: Sinais de frequência constante e de longa duração a 105-111 kHz, com uma pequena queda da frequência no fim. Duração de 20-30 ms. Longevidade: Idade máxima registada de 21 anos, média de quatro anos.</p>		
<b>Distribuição</b>	<p>Esta espécie ocorre da Irlanda até à Caxemira e ao Noroeste Africano e da Etiópia e do Sudão até à Arábia Ocidental. Em Portugal, a sua distribuição é contínua em todo o território continental, sendo a espécie do seu género com maiores efectivos no país.</p>		
<b>Habitat</b>	<p>Não sendo uma espécie exclusivamente cavernícola, pode criar tanto em edifícios em geral (casas abandonadas) como em grutas e minas. Em geral hiberna em abrigos subterrâneos. Caça essencialmente em áreas florestadas, mas pode também utilizar zonas de pastagem e zonas ribeirinhas.</p>		
<b>Alimentação</b>	<p>Caça essencialmente em áreas florestadas, mas pode também utilizar zonas de pastagem e zonas ribeirinhas. Captura presas em voo, mas também quando pousadas em pedras, ramos e folhas. Alimenta-se de pequenos</p>		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.028.00</b>
	insectos como típulas, borboletas nocturnas e mosquitos.		
<b>Reprodução</b>	Fêmeas e machos sexualmente maduros no seu primeiro ano. Época de acasalamento: Outono e talvez no Inverno. Época de nascimentos: Junho. Nº de crias/ninhada: Uma cria por ano.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	De actividade nocturna. Hiberna no Inverno. Mais frequentemente encontrado isolado. No entanto, forma colónias de criação com dezenas, ou mesmo centenas, de indivíduos. Durante a hibernação pode também ser encontrado em pequenos grupos. Ao contrário de outros morcegos cavernícolas, não se abriga na proximidade de indivíduos de outras espécies.		
<b>Voo</b>			
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Em regressão.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	VU – Vulnerável.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Decreto-Lei nº 31/95, de 18 de Agosto (aprovação do Acordo sobre a Conservação dos Morcegos na Europa).			
Decreto-Lei nº 316/89, de 22 de Setembro, transposição da Convenção de Berna.		II	
Decreto nº 103/80, de 11 de Outubro, transposição da Convenção de Bona.		II	
Decreto-Lei nº 140/99, de 24 de Abril, transposição da Directiva Habitats (92/43/CEE), de 21 de Maio de 1992.		B II, IV	
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/Destruição do habitat; atropelamentos; destruição da vegetação ripícola; destruição de abrigos; destruição/perturbação de indivíduos; práticas agrícolas.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Campanhas de Educação Ambiental; controlo da poluição; manutenção da agricultura tradicional; protecção de abrigos/dormidas; protecção do habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.029.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AMPHIBIA	Família	SALAMANDRIDAE
Ordem	CAUDATA	Género	<i>Salamandra</i>
Nome Científico	<i>Salamandra salamandra</i>	Nome Comum	Salamandra-de-pintas-amarelas
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>Cabeça grande, aplanada e de contorno arredondado. Glândulas parótidas grandes e com poros escuros bem visíveis. Olhos relativamente proeminentes localizados em posição lateral. Corpo robusto com sulcos nos flancos e uma fileira de poros glandulares em cada lado da linha média vertebral. Cauda de secção transversal redonda a ovalada. Membros robustos, com 4 dedos nas patas anteriores e 5 nas posteriores. Pele lisa e brilhante. A coloração dorsal é negra com manchas amarelas em número variável. Em alguns casos, a coloração amarela pode dominar sobre o negro. Na região dorsal da cabeça e corpo podem também existir pontuações vermelhas.</p>		
Distribuição	Grande parte da Europa central e do sul. Também ocorrem no norte de África.		
Habitat	Habita, preferencialmente, zonas montanhosas, húmidas e sombrias, com elevada precipitação anual, como bosques caducifólios na cercania de ribeiros e charcos. Contudo, ocorre também em lameiros, prados, campos agrícolas, pinhais, azinhais e sobreirais.		
Alimentação	Insectos como escaravelhos, formigas, moscas e mosquitos e de outros invertebrados como caracóis, lesmas, aranhas, lombrigas e centopeias. As larvas são predadores vorazes, que se alimentam principalmente de pequenos crustáceos e insectos aquáticos.		
Reprodução	O período reprodutor estende-se entre Setembro e Maio. O acasalamento ocorre em terra. Durante a cópula, o macho coloca-se debaixo do corpo da fêmea, segurando-a com os membros anteriores e esfregando a cabeça na sua garganta. Em seguida, ambos entrelaçam as suas caudas e o macho liberta o espermatóforo que é recolhido pela cloaca da fêmea. As fêmeas podem		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.029.00</b>
	depositar na água entre 20-40 larvas (raramente até 70). Em geral, as larvas atingem a metamorfose entre 2-6 meses após o nascimento. A maturidade sexual é alcançada após 3-4 anos.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Com hábitos essencialmente nocturnos, as salamandras encontram-se activas em condições de humidade elevada e temperaturas não superiores a 15°. Em zonas montanhosas, com clima rigoroso, apresentam um período de hibernação mais ou menos prolongado. Em zonas com clima mais ameno, encontram-se activas sobretudo de Setembro a Maio, podendo estar durante os meses mais quentes e secos.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Estável.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
Convenção de Berna.		III	
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/destruição do habitat; atropelamentos; destruição de locais de reprodução; destruição/perturbação de indivíduos; introdução de espécies exóticas; poluição industrial; poluição pecuária.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Controlo da poluição; controlo de espécies exóticas; protecção do habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.030.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela do Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	ACTINOPTERYGII (OSTEICHTHYES)	<b>Família</b>	SALMONIDAE
<b>Ordem</b>	ISOPONDYLI (CLUPEIFORMES)	<b>Género</b>	<i>Salmo</i>
<b>Nome Científico</b>	<i>Salmo trutta fario</i>	<b>Nome comum</b>	Truta fario
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	<p>Cabeça e olhos grandes. Mandíbulas com dentes agudos e fortes. Coloração muito variável com a idade e o habitat. Geralmente dorso castanho e cinzento esverdeado, flancos esverdeados ou amarelos e ventre esbranquiçado ou amarelado. Corpo salpicado de manchas negras e vermelhas. Barbatana adiposa alaranjada na extremidade. Adultos podem atingir 40cm. Maturidade sexual 2 a 3anos. Longevidade máxima 6-7anos.</p>		
<b>Distribuição</b>	<p>Espécie indígena da Europa. Em Portugal encontra-se nos rios do Norte e Centro e, mais a Sul, no troço superior do rio Zêzere e no rio Sever.</p>		
<b>Habitat</b>	<p>Peixe sedentário com habitat bem definido (territorial), prefere as correntes rápidas de montanha, águas bem oxigenadas (&gt;9 mg O<sub>2</sub>/l), límpidas e frescas (&lt; 20 °C ).Espécie muito sensível à poluição e elevação da temperatura.</p>		
<b>Alimentação</b>	<p>Espécie muito voraz, alimenta-se principalmente de invertebrados, larvas de insectos aquáticos, pequenos peixes e insectos de origem terrestre que caem à água.</p>		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.030.00</b>
<b>Reprodução</b>	Desova entre Novembro e Fevereiro, fundos pedregosos, em águas pouco profundas, frias e bem. Oxigenadas. Migra para montante em busca de zonas de postura. Deposita os ovos em cavidades feitas pela fêmea no leito dos rios. Depois de fertilizados, a fêmea cobre os ovos com areia e cascalho.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	-		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Em regressão.		
<b>Estatuto de conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
DL 312/70 de 6 de Julho (Lei da Pesca)			-
DL 383/98, de 27 de Novembro			-
DL 44623/62 de 10 de Outubro (Lei da Pesca)			-
DR 7/2000, de 30 de Maio			-
Lei nº 2097 de 6 de Junho de 1959			-
Portaria 27/2001, de 15 de Janeiro			-
<b>Factores de Ameaça</b>	Alteração/destruição do habitat, aproveitamentos hidroeléctricos; destruição de locais de reprodução; destruição/perturbação de indivíduos; isolamento geográfico; pesca; poluição; regularização de sistemas hídricos.		
<b>Medidas de conservação</b>	Fiscalização da pesca; fiscalização da poluição; ordenamento piscícola, passagens para a fauna; protecção de locais de reprodução; protecção do habitat; recuperação dos habitats.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.031.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	Strigidae
Ordem	STRIGIFORMES	Género	<i>Strix</i>
Nome Científico	<i>Strix aluco</i>	Nome Comum	Coruja-do-mato
Registo Fotográfico			
Identificação	Forma compacta, asas largas e arredondadas, cabeça grande e olhos pretos. A coloração da sua plumagem em tons de castanhos, entre o castanho acinzentado e o castanho arruivado.		
Distribuição	Encontrada na Europa, África e Ásia.		
Habitat	Bosques e florestas, terrenos agrícolas com árvores (carvalhos antigos). Pode também ser encontrada em jardins e cidades.		
Alimentação	Captura uma grande variedade de presas sobretudo pequenos roedores, aves, répteis e insectos.		
Reprodução	Nidifica em cavidades de árvores, de muros e rochas ou, por vezes, num velho ninho de esquilo ou de gralha. A fêmea deposita 2 ou 4 ovos entre Fevereiro e Abril. Alimentada pelo macho incuba-os num período de cerca de 28 a 30 dias. As crias abandonam o ninho ao fim de 5 ou 6 semanas		
Tipo de Ocorrência	Res – Residente, nidificante.		
Comportamento	Nocturna, muito sensível à luz com a qual pode ficar totalmente encandeada. Torna-se agressiva se for incomodada durante o período de reprodução. Caçador eficaz sobretudo na escuridão total. Detecta a presa no solo a partir de um poiso.		





<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.031.00</b>
<b>Voo</b>	Plano e directo.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC - Pouco Preocupante. Espécie Protegida.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			II
Convenção de Washington (CITES).			II A
<b>Factores de Ameaça</b>	Intensificação da agricultura; demolição e reconversão de edifícios antigos; utilização de produtos químicos; utilização de iscos com veneno (rodenticidas) para eliminar roedores prejudiciais à agricultura; colisão com viaturas.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Criação de locais adequados para a nidificação; eliminar a utilização de produtos químicos e de iscos com veneno para a eliminação de roedores.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.032.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	MAMMALIA	Família	TALPIDAE
Ordem	SORICOMORPHA	Género	<i>Talpa</i>
Nome Científico	<i>Talpa occidentalis</i>	Nome Comum	Toupeira
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>A sua pelagem é de cor escura preta ou cinza escura, detêm patas fortes adaptadas para escavar, cauda muito curta, focinho longo, com atrofia dos olhos, os quais se encontram cobertos por pele.</p>		
Distribuição	<p>É um endemismo ibérico. Comum no nosso país, apresenta uma distribuição generalizada de Norte a Sul. Em Espanha é igualmente comum, encontrando-se ausente no quadrante Nordeste e na província de Navarra. A distribuição do género <i>Talpa</i> é, no entanto, muito mais vasta, indo desde a Península Ibérica até ao Japão. As toupeiras são assim animais com grande sucesso, que sofreram um alargado processo de especulação. Não estando ainda clarificada toda a sistemática do género, é possível distinguir: <i>T. europaea</i>, com uma larga distribuição europeia; <i>T. romana</i>, no sul de Itália; <i>T. stankovici</i>, no sul da Jugoslávia e na Grécia e <i>T. caeca</i>, no norte de Itália e Costa Adriática. Provavelmente na Herzegovina (<i>T. hercegovinensis</i>) e no Japão (<i>T. nizura</i>) estaremos também na presença de duas espécies distintas.</p>		
Habitat	<p>Frequente em jardins, terrenos agrícolas, pastagens e zonas de floresta, que possuam características propícias para a sua actividade escavadora.</p>		
Alimentação	<p>Insectos, principalmente larvas de insectos e anelídeos, que encontra quando escava as galerias. É uma espécie comum em pastos, zonas agrícolas, jardins e terrenos arenosos. Habita igualmente áreas florestais (e.g. carvalhais e pinhais), desde que o solo seja fresco e profundo, de modo a permitir a construção de túneis subterrâneos.</p>		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.032.00</b>
<b>Reprodução</b>	Sexualmente activa de Setembro a Maio, ocorrendo os nascimentos de Maio a Junho, após um período de gestação de cerca de 4 semanas. Cada fêmea pode ter até 2 ninhadas por ano, constituídas por 2 a 7 indivíduos. Atingem a maturidade sexual com 1 ano de idade. Durante a época de reprodução, os machos abandonam os territórios e escavam extensas áreas à procura das fêmeas.		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	Têm actividade diurna e nocturna, passando a maior parte do tempo debaixo do solo, onde escava, inúmeros túneis. Os túneis são utilizados como forma de fuga e de ventilação, existem também dentro deles espaços onde podem descansar e armazenar a alimentação. Emitem guinchos agudos para se defenderem. Dado que a sua visão é fraca utiliza o tacto para se orientar, servindo-se de receptores existentes no focinho.		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
	-		-
<b>Factores de Ameaça</b>	Predadores naturais; o Homem.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Campanhas de educação ambiental.		
<b>Observações/comentários</b>	A acção das toupeiras é benéfica por se alimentar de vários insectos prejudiciais às plantas.		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.033.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	AVES	Família	MUSCICAPIDAE
Ordem	PASSERIFORMES	Género	<i>Turdus</i>
Nome Científico	<i>Turdus merula</i>	Nome Comum	Melro
Registo Fotográfico			
Identificação	<p>O macho é ligeiramente maior que a fêmea, a coloração é preta bico alaranjado e auréola amarelada em torno do olho. Tanto no macho como na fêmea, as patas são compridas e a cauda também. O padrão geral das fêmeas e dos juvenis é acastanhado. O macho é ligeiramente maior que a fêmea, a coloração é preta bico alaranjado e auréola amarelada em torno do olho. Tanto no macho como na fêmea, as patas são compridas e a cauda também. O padrão geral das fêmeas e dos juvenis é acastanhado.</p>		
Distribuição	<p>Esta ave pode ser encontrada um pouco por toda a Europa, embora seja mais frequentemente na Península Ibérica. Está também presente no Norte de África e em alguns territórios da Ásia Central. Foi ainda introduzido na Austrália e na Nova Zelândia.</p>		
Habitat	<p>Ocorre desde bosques e florestas, a zonas de pastagens com sebes, parques e jardins urbanos, matos densos e também galerias ripícolas.</p>		
Alimentação	<p>Os melros comem insectos, minhocas e bagas, é isso que procuram entre a relva fresca, mas não desdenham migalhas que ocasionalmente encontrem.</p>		
Reprodução	<p>Esta ave reproduz-se sensivelmente duas vezes por ano. As fêmeas põem 3 a 5 ovos que demoram cerca de 15 dias a incubar. Fazem normalmente um ninho em forma de taça.</p>		




<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.033.00</b>
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	O macho canta melodiosamente, empoleirando-se em pontos altos. Canta particularmente ao amanhecer e ao anoitecer.		
<b>Voo</b>	Forte e poderoso; directo.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			III
Convenção de Bona.			II
DL 140/99, de 24/4 com a redacção dada pelo DL 49/2005, de 24/2. Revê e transpõe a Directiva Aves (relativa à conservação das aves selvagens) e a Directiva Habitats (relativa à conservação dos habitats naturais e da flora e da fauna selvagem).			D
Lei nº 173/99 de 21 de Setembro (Lei da Caça), regulamentada pelo DL 201/2005 de 24 de Novembro.			-
<b>Factores de Ameaça</b>	-		
<b>Medidas de Conservação</b>	-		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.034.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Classe</b>	AVES	<b>Família</b>	UPUPIDAE
<b>Ordem</b>	CORACIIFORMES	<b>Género</b>	Upupa
<b>Nome Científico</b>	<i>Upupa epops</i>	<b>Nome Comum</b>	Poupa
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Identificação</b>	Ave de bico comprido e arqueado, com uma crista erétil.. Plumagem de cor castanha clara alaranjada, de asas largas e arredondadas de listras pretas e brancas, cauda preta, com uma barra branca larga. Bico longo recurvado e patas acinzentadas e curtas.		
<b>Distribuição</b>	Península Ibérica Itália, Sul de África.		
<b>Habitat</b>	Zonas agrícolas, pastagens com pequenas matas e arbustos.		
<b>Alimentação</b>	Insectos e suas larvas, minhocas e outros anelídeos terrestres, pequenos anfíbios e pequenas cobras.		
<b>Reprodução</b>	Cada postura contém 2 a 6 ovos de cor azul-esverdeada. Os juvenis chocam ao fim de cerca de 17 dias de incubação, da responsabilidade exclusiva da fêmea, e permanecem no ninho durante cerca de um mês, recebendo os cuidados parentais de ambos os progenitores. A principal característica dos ninhos das poupas, construídos em cavidades de árvore, é talvez o seu cheiro fétido, extremamente desagradável (defesa contra predadores).		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente. Mig – Migrador.		
<b>Comportamento</b>	Possui actividade noturna, no entanto em dias húmidos e chuvosos apresenta alguma actividade diurna, caminhando lentamente dando saltos pequenos. Durante o Inverno a sua actividade diminui, preferindo esconder-se nos seus refúgios ou enterrarem-se.		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.034.00</b>
<b>Voo</b>	Voa frequentemente a baixa altitude, rente ao solo. Voo com ondulações curtas e batimentos irregulares, levantado previamente a poupa quando aterra.		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	-		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>			<b>Anexo</b>
Convenção de Berna.			II
<b>Factores de Ameaça</b>	-		
<b>Medidas de Conservação</b>	-		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		FAUNA	N.035.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Classe	MAMMALIA	Família	CANIDAE
Ordem	CARNIVORA	Género	<i>Vulpes</i>
Nome Científico	<i>Vulpes vulpes</i>	Nome Comum	Raposa
Registo Fotográfico			
Identificação	Cor geralmente castanho-avermelhada podendo variar até cor-de-areia. A cauda é comprida e espessa. Na época de reprodução, as fêmeas ganham tons rosados no pêlo da zona ventral. A muda, na Primavera, é notória, dando-lhes um aspecto malhado.		
Distribuição	Europa, Ásia, América do Norte, algumas regiões do Norte de África e do Médio Oriente e parte da Austrália.		
Habitat	Matagais em mosaico, florestas e campos agrícolas.		
Alimentação	A raposa é sobretudo nocturna e crepuscular, altura em que procura as presas de que se alimenta. Por possuir uma dieta oportunista, isto é, procura uma grande variedade de presas escolhendo normalmente as mais abundantes, pode consumir desde pequenos roedores até lagomorfos (coelhos e lebres), aves, insectos (principalmente escaravelhos), frutos, etc. Pode escavar tocas para se abrigar ou aproveitar as tocas feitas por coelhos e texugos mas, fora da época de reprodução, o dia é geralmente passado em abrigos à superfície (debaixo de silvados, montes de pedras ou madeira, etc.). Raposa é um mamífero carnívoro. Pontualmente, e se a oportunidade surgir, torna-se necrófago. Os ovos também fazem as delícias das raposas, que procuram		





<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>FAUNA</b>	<b>N.035.00</b>
	<p>ninhos de aves silvestres no solo para comê-los. Comem fundamentalmente pequenos roedores, coelhos e aves, como a perdiz. Nas zonas onde existe criação de capoeira, podem muitas vezes introduzir-se dentro das mesmas para aí caçarem as suas presas, criando dificuldades de vizinhança com os humanos por esse motivo.</p>		
<b>Reprodução</b>	<p>Os acasalamentos ocorrem entre Dezembro e Fevereiro, sendo a gestação de 52-53 dias. Os juvenis nascem entre Março e Maio, possuindo nesta altura uma pelagem castanho-escura que só ao fim de cerca de 6 meses se torna idêntica à coloração dos adultos. Ambos os progenitores cuidam das crias mesmo após o desmame. Estas só se tornam completamente independentes no Outono seguinte ao nascimento.</p>		
<b>Tipo de Ocorrência</b>	Res – Residente.		
<b>Comportamento</b>	<p>Tem, sobretudo, actividade nocturna e crepuscular, mas pode ser diurna em locais isolados. A densidade populacional média é de 1 família por Km<sup>2</sup> de área agrícola. Vive em grupos constituídos por um macho adulto e várias fêmeas. Efectuam marcações odoríferas com urinas e excrementos deixados em locais muito visitados.</p>		
<b>Voo</b>	-		
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>			
<b>Tendência Populacional</b>	Desconhecida.		
<b>Estatuto de Conservação PT Continente</b>	LC – Pouco Preocupante.		
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>			
<b>Designação</b>		<b>Anexo</b>	
	-	-	
<b>Factores de Ameaça</b>	Caça; utilização de iscos com veneno (rodenticidas) para eliminar roedores prejudiciais à agricultura.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Fiscalização das actividades de caça; eliminar a utilização de iscos com veneno (rodenticidas) para eliminar roedores prejudiciais à agricultura.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

APOIO À VISITAÇÃO DO SÍTIO SERRA DA ESTRELA NO  
CONCELHO DE MANTEIGAS

ROTA DE VALE DE AMOREIRA

INVENTARIAÇÃO, DIAGNÓSTICO E REFERENCIAÇÃO  
CARTOGRÁFICA DE ELEMENTOS ECOLÓGICOS  
SIGNIFICATIVOS E DE PONTOS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO  
RELEVANTE NO CONCELHO DE MANTEIGAS

FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS

CÂMARA MUNICIPAL DE MANTEIGAS



ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA		FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS	Rota de Vale de Amoreira
Código	Nome Científico	Nome Comum	
001.00	<i>Cistus ladanifer</i>	Esteva	
002.00	<i>Cytisus multiflorus</i>	Giesta-branca	
003.00	<i>Cytisus striatus</i>	Giesta-amarela	
004.00	<i>Erica arborea</i>	Urze	
005.00	<i>Hedera helix</i>	Hera	
006.00	<i>Laurus nobilis</i>	Loureiro	
007.00	<i>Lavandula stoechas</i>	Rosmaninho	
008.00	<i>Olea europaea</i>	Zambugeiro	
009.00	<i>Pinus pinaster</i>	Pinheiro-bravo	
010.00	<i>Prunus avium</i>	Cerejeira-brava	
011.00	<i>Pteridium aquilinum</i>	Feto	
012.00	<i>Punica granatum</i>	Romãzeira	
013.00	<i>Rubus ulmifolius</i>	Silvas	
014.00	<i>Salix atrocinerea</i>	Salgueiro	




FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.001.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do S�tio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>	<b>Coordenadas</b>	007�26'32,52" W 40�25'29,45" N
<b>CARACTERIZA�O GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Magnoliophyta	<b>Subesp�cie</b>	ladanifer
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Malvales	<b>Subclasse</b>	Malvidae
<b>Esp�cie</b>	<i>Cistus ladanifer</i>	<b>Família</b>	Cistaceae
<b>Tipo Fision�mico</b>	Nanofaner�fita		
<b>Nome Científico</b>	<i>Cistus ladanifer</i>	<b>Nome Comum</b>	Esteva
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribui�o</b>	Sul França, Península Ibérica, Noreste de África e Macaronésia.		
<b>Habitat</b>	Matos e matagais.		
<b>Estatuto de Protec�o</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Flora�o</b>	Maio – Junho.		
<b>Observa�es/comentários</b>	Planta medicinal.		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.002.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>	<b>Coordenadas</b>	007°26'32,52" W 40°25'29,45" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Fabales	<b>Subclasse</b>	Rosidae
<b>Espécie</b>	<i>Cytisus multiflorus</i>	<b>Família</b>	Leguminosae (Fabaceae)
<b>Tipo Fisionómico</b>	Nanofanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Cytisus multiflorus</i>	<b>Nome Comum</b>	Giesta-branca
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Península Ibérica, introduzida no Norte América, Austrália e Oeste Europa.		
<b>Habitat</b>	Matos, matagais e rupícola.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Floração</b>	Abril – Junho.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.003.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>	<b>Coordenadas</b>	007�26'32,52" W 40�25'29,45" N
<b>CARACTERIZA�O GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Fabales	<b>Subclasse</b>	Rosidae
<b>Esp�cie</b>	<i>Cytisus striatus</i>	<b>Família</b>	Leguminosae (Fabaceae)
<b>Tipo Fision�mico</b>	Nanofaner�fita		
<b>Nome Científico</b>	<i>Cytisus striatus</i>	<b>Nome Comum</b>	Giesta-amarela
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribui�o</b>	Oeste da Península Ib�rica e Nordeste de Marrocos; introduzida no Oeste da Europa e Norte da América.		
<b>Habitat</b>	Matos, matagais e rupícola.		
<b>Estatuto de Protec�o</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Flora�o</b>	Abril – Junho.		
<b>Observa�es/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.004.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>	<b>Coordenadas</b>	007°26'32,52" W 40°25'29,45" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Ericales	<b>Subclasse</b>	Asteridae
<b>Espécie</b>	<i>Erica arborea</i>	<b>Família</b>	Ericaceae
<b>Tipo Fisionómico</b>	Nanofanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Erica arborea</i>	<b>Nome Comum</b>	Urze
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Região Mediterrânica, Macaronésia, Norte e Este da África.		
<b>Habitat</b>	Matos, matagais e ripícola.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Floração</b>	Fevereiro – Agosto.		
<b>Observações/comentários</b>	Matos com domínio de Erica arborea.		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.005.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>	<b>Coordenadas</b>	007°26'32,52" W 40°25'29,45" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	helix
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Cornales	<b>Subclasse</b>	Caryophyllidae
<b>Espécie</b>	<i>Hedera helix</i>	<b>Família</b>	Araliaceae
<b>Tipo Fisionómico</b>	Microfanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Hedera helix</i>	<b>Nome Comum</b>	Hera
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Regiões temperadas Euro-asiáticas.		
<b>Habitat</b>	Matos, ruderal, terrenos cultivados e ripícola.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Floração</b>	Setembro – Outubro.		
<b>Observações/comentários</b>	Localizada numa linha de água torrencial muito degradada em termos de vegetação.		





FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.006.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>	<b>Coordenadas</b>	007°25'59,04" W 40°25'44,85" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Laurales	<b>Subclasse</b>	Magnoliidae
<b>Espécie</b>	<i>Laurus nobilis</i>	<b>Família</b>	Lauraceae
<b>Tipo Fisionómico</b>	Vários		
<b>Nome Científico</b>	<i>Laurus nobilis</i>	<b>Nome Comum</b>	Loureiro
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Região Mediterrânica.		
<b>Habitat</b>	Ripícola.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Floração</b>	Fevereiro – Abril.		
<b>Observações/comentários</b>	Micro ou mesofanerófito; ornamental.		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.007.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>	<b>Coordenadas</b>	007°26'32,52" W 40°25'29,45" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	stoechas
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Lamiales	<b>Subclasse</b>	Lamiidae
<b>Espécie</b>	<i>Lavandula stoechas</i>	<b>Família</b>	Labiatae (Lamiaceae)
<b>Tipo Fisionómico</b>	Nanofanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Lavandula stoechas</i>	<b>Nome Comum</b>	Rosmaninho
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Região Mediterrânica.		
<b>Habitat</b>	Matos, matagais e terrenos incultos.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Floração</b>	Fevereiro – Julho.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.008.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>	<b>Coordenadas</b>	007°25'59,04" W 40°25'44,85" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Lamiales	<b>Subclasse</b>	Lamiidae
<b>Espécie</b>	<i>Olea europaea</i>	<b>Família</b>	-
<b>Tipo Fisionómico</b>	Mesofanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Olea europaea</i>	<b>Nome Comum</b>	Zambujeiro
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Região Mediterrânica.		
<b>Habitat</b>	Matos, terrenos incultos e rupícola; ornamental.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Floração</b>	Maio – Julho.		
<b>Observações/comentários</b>	-		




FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.009.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>	<b>Coordenadas</b>	007°26'22,13" W 40°25'11,17" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Pinatae	<b>Subdivisão</b>	Coniferophytina
<b>Ordem</b>	Pinales	<b>Subclasse</b>	Pinidae
<b>Espécie</b>	<i>Pinus pinaster</i>	<b>Família</b>	Pinaceae
<b>Tipo Fisionómico</b>	Megafanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Pinus pinaster</i>	<b>Nome Comum</b>	Pinheiro-bravo
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Oeste da região mediterrânica e zonas atlânticas do Sul a Europa.		
<b>Habitat</b>	Matos, matagais e terrenos incultos.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Floração</b>	Março.		
<b>Observações/comentários</b>	Encosta florestada com resinosas e que apresenta um desbaste de árvores na cumeada (rede primária de combate a incêndios).		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.010.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>	<b>Coordenadas</b>	007°26'33,58" W 40°24'57,44" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Rosales	<b>Subclasse</b>	Rosidae
<b>Espécie</b>	<i>Prunus avium</i>	<b>Família</b>	Rosaceae
<b>Tipo Fisionómico</b>	Mesofanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Prunus avium</i>	<b>Nome Comum</b>	Cerejeira -brava
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Europa, Ásia e Noroeste de África.		
<b>Habitat</b>	Matos e áreas ruderais.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Floração</b>	Março – Maio.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.011.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>	<b>Coordenadas</b>	007°26'22,13" W 40°25'11,17" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Monilophyta (Pteridophyta)	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Polypodiopsida (Filicopsida)	<b>Subdivisão</b>	-
<b>Ordem</b>	Polypodiales	<b>Subclasse</b>	-
<b>Espécie</b>	<i>Pteridium aquilinum</i>	<b>Família</b>	Dennstaedtiaceae
<b>Tipo Fisionómico</b>	Geófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Pteridium aquilinum</i>	<b>Nome Comum</b>	Feto
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Cosmopolita.		
<b>Habitat</b>	Terrenos cultivados, incultos, matagais, matos e ruderal.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Floração</b>	Março – Setembro.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.012.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>	<b>Coordenadas</b>	007°26'33,58" W 40°24'57,44" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Myrtales	<b>Subclasse</b>	Rosidae
<b>Espécie</b>	<i>Punica granatum</i>	<b>Família</b>	Lythraceae
<b>Tipo Fisionómico</b>	Microfanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Punica granatum</i>	<b>Nome Comum</b>	Românzeira
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Oriunda da Região Irano-Turaniana; subespontânea na Região Mediterrânica, América Sul, África Sul e Austrália.		
<b>Habitat</b>	Ruderal.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Floração</b>	Maio – Setembro.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.013.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>	<b>Coordenadas</b>	007°26'32,52" W 40°25'29,45" N
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Rosales	<b>Subclasse</b>	Rosidae
<b>Espécie</b>	<i>Rubus ulmifolius</i>	<b>Família</b>	Rosaceae
<b>Tipo Fisionómico</b>	Microfanerófito		
<b>Nome Científico</b>	<i>Rubus ulmifolius</i>	<b>Nome Comum</b>	Silvas
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribuição</b>	Oeste Europa e da Região Mediterrânica e Macaronésia.		
<b>Habitat</b>	Terrenos incultos, matos, matagais e ruderal.		
<b>Estatuto de Protecção</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Floração</b>	Maio – Agosto.		
<b>Observações/comentários</b>	-		





FICHA DE ECOLOGIA FLORA E COMUNIDADES VEGETAIS			N.014.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>	<b>Coordenadas</b>	007�25'59,04" W 40�25'44,85" N
<b>CARACTERIZA�O GERAL</b>			
<b>Divisão</b>	Spermatophyta	<b>Subespécie</b>	-
<b>Classe</b>	Magnoliopsida	<b>Subdivisão</b>	Magnoliophytina (Angiospermae)
<b>Ordem</b>	Violales	<b>Subclasse</b>	Rosidae
<b>Esp�cie</b>	<i>Salix atrocinerea</i>	<b>Família</b>	Salicaceae
<b>Tipo Fision�mico</b>	Microfaner�fita		
<b>Nome Científico</b>	<i>Salix atrocinerea</i>	<b>Nome Comum</b>	Salgueiro
<b>Registo Fotográfico</b>			
<b>Distribui�o</b>	A esp�cie tem distribui�o na Europa atl�ntica e oeste da Região Mediterr�nica.		
<b>Habitat</b>	Os habitats preferenciais são relvados húmidos e áreas rupícolas.		
<b>Estatuto de Protec�o</b>	-		
<b>Raridade em Portugal</b>	Comum.		
<b>Flora�o</b>	Fevereiro – Março.		
<b>Observa�es/comentários</b>	Linha de água com vegeta�o ripícola (domínio de Salix atrocinerea).		



APOIO À VISITAÇÃO DO SÍTIO SERRA DA ESTRELA NO  
CONCELHO DE MANTEIGAS

ROTA DE VALE DE AMOREIRA

INVENTARIAÇÃO, DIAGNÓSTICO E REFERENCIAÇÃO  
CARTOGRÁFICA DE ELEMENTOS ECOLÓGICOS  
SIGNIFICATIVOS E DE PONTOS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO  
RELEVANTE NO CONCELHO DE MANTEIGAS

HABITATS

CÂMARA MUNICIPAL DE MANTEIGAS



## ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA HABITATS

Rota de Vale de Amoreira

Código	Código do Habitat/ Habitat Subtipo		Habitat/ Habitat Subtipo
001.00	3150		Habitats de água doce (Águas paradas) – Lagos eutróficos naturais com vegetação da <i>Magnopotamion</i> ou da <i>Hydrocharition</i>
002.00	3260		Habitats de água doce (Água corrente) – Cursos de água dos pisos basal a montano com vegetação da <i>Ranunculion fluitantis</i> e da <i>Callitricho-Batrachion</i>
003.00	4030		Charnecas e matos das zonas temperadas – Charnecas Secas Europeias
003.01	4030	pt1	Tojais e urzais-tojais aero-halófilos mediterrânicos
003.02	4030	pt2	Tojais e urzais-tojais galaico-portugueses não litorais
003.03	4030	pt3	Urzais, urzais-tojais e urzais-estevais mediterrânicos não litorais
004.00	6220*		Formações herbáceas naturais e semi-naturais (Formações herbáceas secas seminaturais e fâcies arbustivas) – Subestepes de Gramíneas e anuais da <i>Thero-Brachypodietea</i>
004.01	6220*	pt1	Arrelvados anuais neutrobasófilos
004.02	6220*	pt2	Malhadais
004.03	6220*	pt3	Arrelvados vivazes neutrobasófilos de gramíneas altas
004.04	6220*	pt4	Arrelvados vivazes silicícolas de gramíneas altas
004.05	6220*	pt5	Arrelvados vivazes silicícolas de <i>Brachypodium phoenicoides</i>
005.00	6410		Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos ( <i>Molinion caeruleae</i> )
005.01	6410	pt1	Comunidades derivadas de <i>Molinia caerulea</i>
005.02	6410	pt2	Juncais acidófilos de <i>J. acutiflorus</i> , <i>J. conglomeratus</i> e/ou <i>Juncus effusus</i>
005.03	6410	pt3	Juncais acidófilos termófilos de <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>rugosus</i>
005.04	6410	pt4	Juncais de <i>Juncus valvatus</i>



## ÍNDICE DAS FICHAS DE ECOLOGIA HABITATS

Rota de Vale de Amoreira

Código	Código do Habitat/ Habitat Subtipo		Habitat/ Habitat Subtipo
006.00	92A0		Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Galerias de <i>Salix alba</i> e <i>Populus alba</i>
006.01	92A0	pt1	Salgueirais-choupais algarvios de choupos-brancos
006.02	92A0	pt2	Salgueirais-choupais de choupos-negros e/ou salgueiros-brancos
006.03	92A0	pt3	Salgueirais arbóreos psamófilos de <i>Salix atrocinerea</i>
006.04	92A0	pt4	Salgueirais arbustivos de <i>Salix salviifolia</i> subsp. <i>salviifolia</i>
006.05	92A0	pt5	Salgueirais arbustivos de <i>Salix salviifolia</i> subsp. <i>australis</i>

FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.001.00	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>				
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas			
Rota	Rota de Vale de Amoreira			
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>				
Habitat ** Potencialmente existente	Habitats de água doce (Águas paradas) – Lagos eutróficos naturais com vegetação da <i>Magnopotamion</i> ou da <i>Hydrocharition</i> **		3150	
Descrição Sucinta	<p>Meios lênticos – lagoas, charcos, açudes, valas, paúis e linhas de água de reduzido caudal e com escoamento lento – com águas meso-eutróficas, com comunidades vasculares com macrófitos flutuantes à superfície ou submersas, enraizadas ou suspensas entre o fundo e a superfície.</p> <p>Colonizam estes biótopos comunidades de hidrófitos constituídas por taxa de tipos fisionómicos muito distintos: lemnídeos s.str. – e.g., Lemnáceas: <i>Lemna</i> sp. pl., <i>Spirodela polyrrhiza</i> e <i>Wolffia arrhiza</i>; salvinídeos – e.g., Azoláceas: <i>Azolla filiculoides</i>; batraquídeos – e.g., Ranunculáceas: <i>Ranunculus penicillatus</i>; hidrocarídeos – e.g., Hidrocaritáceas: <i>Hydrocharis morsus-ranae</i>; miriofilídeos – e.g., Haloragáceas: <i>Myriophyllum</i> sp.pl.; nufarídeos s.str. – e.g., Calitricáceas: <i>Callitriche</i> sp. pl.; Ninféáceas: <i>Nuphar lutea</i>; Potamogetonáceas: <i>Potamogeton</i> sp. pl.; ninféideos – e.g., Ninféáceas: <i>Nymphaea alba</i>; potamídeos – e.g., Naiadáceas: <i>Najas</i> sp. pl.; Potamogetonáceas: <i>Potamogeton</i> sp. pl.; Zaniqueliáceas: <i>Zannichellia palustris</i>.</p> <p>Estas comunidades são dominadas por espécies do géns. <i>Azolla</i>, <i>Lemna</i>, <i>Hydrocharis</i>, <i>Myriophyllum</i>, <i>Najas</i>, <i>Nymphaea</i>, <i>Nuphar</i> e <i>Potamogeton</i>. Frequentemente, num mesmo biótopo enquadrável neste habitat são identificáveis mais que uma fitocenose (em mosaico) dos <i>sintaxa</i> citados. Contactos catenais mais frequentes com comunidades de grandes helófitos da classe <i>Phragmito-Magnocaricetea</i> e com as comunidades bioindicadoras dos habitats 3170 “Charcos temporários mediterrânicos”, 3160 “Lagos e charcos distróficos naturais”, 3140 “Águas oligo-mesotróficas calcárias com vegetação bentónica de <i>Chara</i> spp.” e 3150 “Cursos de água dos pisos basal a montano com vegetação da <i>Ranunculion fluitantis</i> e da <i>Callitricho-Batrachion</i>”.</p> <p>Macroclima temperado e mediterrânico; andares climáticos do termo ao supratemperado e termo ao supramediterrânico; ombroclima seco a húmido.</p>			
Distribuição Geral	Atlântica: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Holanda, Irlanda, Portugal e Reino Unido.			
Habitat(s) Subtipo(s)	Sem subtipos		-	
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS</b>				
Designação			Anexo	
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.	
Directiva 92/43/CEE.			I.	
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>				
Diversidade Florística	Grau de Equilíbrio da Vegetação	Resiliência da Vegetação	Valor Faunístico	Valor Ecológico Global



FICHA DE ECOLOGIA										HABITATS			N.001.00		
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
X				X				X			X			X	
<b>Estado de Conservação</b>				Muito variável, sobretudo em função da presença de plantas invasoras.											
<b>Factores de Ameaça</b>				Alterações do uso do solo com repercussão na qualidade da água. Eutrofização dos meios aquáticos devido a actividade antrópica. Invasão de flora alóctone (e.g. <i>Myriophyllum aquaticum</i> , <i>Elodea canadensis</i> , <i>Eichornia crassipes</i> ).											
<b>Medidas de Conservação</b>				Controlo de espécies exóticas infestantes; controlo do despejo de efluentes não tratados; incrementar a qualidade e extensão do tratamento de efluentes agrícolas, urbanos e industriais; promoção da propagação e valorização do habitat em projectos construtivos; condicionar alterações ao uso do solo indutoras de alterações na qualidade da água, em zonas limítrofes à área de ocupação do habitat; promoção de estudos científicos sobre o habitat.											
<b>Observações/comentários</b>				-											

FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.002.00
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Habitat	Habitats de água doce (Água corrente) – Cursos de água dos pisos basal a montano com vegetação da <i>Ranunculion fluitantis</i> e da <i>Callitricho-Batrachion</i> **		3260
** Potencialmente existente			
Descrição Sucinta	<p>Cursos de água doce, permanentes ou temporários, de águas correntes mais ou menos rápidas (fácies lóticos) ou, localizadamente, lentas (fácies lânticos), com águas pouco profundas oligo-mesotróficas tendencialmente ácidas.</p> <p>Colonizados por comunidades de briófitos aquáticos e/ou por comunidades de plantas vasculares suportadas pela água (hidrófitos) e enraizadas maioritariamente do tipo potamídeo (e.g. Potamogetonáceas: <i>Potamogeton pusillus</i> e <i>P. perfoliatus</i>; Calitricáceas: <i>Callitriche</i> sp. pl.), miriofilídeo (e.g., Haloragáceas: <i>Myriophyllum alterniflorum</i>; ranunculáceas: <i>Ranunculus pseudofluitans</i> e <i>R. penicillatus</i>), batraquídeo (e.g., Ranunculáceas: <i>Ranunculus peltatus</i> e <i>R. tripartitus</i>) ou nufarídeo s.str. (e.g., Potamogetonáceas: <i>Potamogeton crispus</i>, <i>P. nodosus</i>; Calitricáceas: <i>Callitriche</i> sp. pl.).</p> <p>Colonizam ainda este habitat comunidades do pleustófito ceratofilídeo <i>Ceratophyllum demersum</i>. Estas comunidades atingem por vezes elevados graus de cobertura e são dominadas por briófitos aquáticos (e.g. <i>Fontinalis antipyretica</i>) ou por plantas vasculares dos gen. <i>Ceratophyllum</i> (<i>Ceratophyllum demersum</i>), <i>Callitriche</i> (e.g., <i>Callitriche brutia</i>, <i>C. hamulata</i>, <i>C. stagnalis</i>, <i>C. lusitanica</i>), <i>Myriophyllum</i> (e.g., <i>Myriophyllum alterniflorum</i>) e <i>Ranunculus</i> (subgén. <i>Batrachium</i>; e.g., <i>Ranunculus pseudofluitans</i>, <i>R. peltatus</i>, <i>R. penicillatus</i>, <i>R. saniculifolius</i>, <i>R. tripartitus</i>).</p> <p>Frequentemente, num mesmo curso de água enquadrável neste habitat são identificáveis mais que uma fitocenose (em mosaico) dos <i>sintaxa</i> citados, vd. Correspondência fitossociológica.</p> <p>A composição florística destas comunidades (ou mosaicos de comunidades) depende, entre outros factores, do ensombramento (e.g., os briófitos aquáticos são favorecidos pela sombra), da granulometria e mobilidade do substrato e da velocidade (e.g., os miriofilídeos e potamídeos, ao invés dos batraquídeos e nufarídeos, são mais frequentes nos fácies lóticos), caudal, trofia, pH, mineralização e temperatura da água.</p> <p>São particularmente abundantes nos troços médios de linhas de águas permanentes. No Norte e centro de Portugal são maioritariamente substituídas nas cabeceiras por comunidades de <i>Ranunculus ololeucus</i> (habitat 3130 "Águas paradas, oligotróficas a mesotróficas, com vegetação da <i>Littorelletea uniiflorae</i> e/ou da <i>Isoeto-Nanojuncetea</i>"). Nos troços finais dos grandes rios são dominantes as comunidades de águas eutróficas bioindicadoras do habitat 3150 "Lagos eutróficos naturais com vegetação da <i>Magnopotamion</i> ou da <i>Hydrocharition</i>".</p> <p>As comunidades de <i>Platyhypnidio-Fontinaletea antipyreticae</i>, <i>Ceratophyllion demersi</i>, <i>Ranunculion fluitantis</i> e <i>Ranunculion aquatilis</i> são naturalmente muito dinâmicas no tempo e no espaço, respondendo rapidamente a alterações geomorfológicas a pequena escala do leito dos rios (e.g., deslocamento espacial de rápidos e remansos nos troços médios dos rios), às flutuações intra e interanuais da precipitação (e.g., efeito de arrastamento das enxurradas) e a modificações do revestimento vegetal das margens (e.g., efeito do ensombramento).</p> <p>Os contactos catenais mais frequentes verificam-se com as comunidades abrangidas pelo habitat 3150, com comunidades de fontes e nascentes de águas frias e oligotróficas da classe <i>Montio-Cardaminetea</i>, com o habitat 6430 "Comunidades de ervas altas higrófilas das orlas basais e dos pisos montano a alpino" e com comunidades de grandes helófitos da classe <i>Phragmito-</i></p>		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS		N.002.00											
		<i>Magnocaricetea.</i>													
		Macrobioclima temperado e mediterrânico; andares termoclimáticos do termo ao supratemperado e do termo ao supramediterrânico.													
<b>Distribuição Geral</b>		Atlântica: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Grécia, Irlanda, Itália, Holanda, Portugal e Reino Unido.													
<b>Habitat(s) Subtipo(s)</b>		Sem subtipos		-											
INSTRUMENTOS LEGAIS															
<b>Designação</b>					<b>Anexo</b>										
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.					B-1.										
Directiva 92/43/CEE.					I.										
CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA															
Diversidade Florística			Grau de Equilíbrio da Vegetação			Resiliência da Vegetação				Valor Faunístico			Valor Ecológico Global		
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
X					X			X			X				X
<b>Estado de Conservação</b>		De mediano a bom.													
<b>Factores de Ameaça</b>		Aumento da profundidade da água como consequência, e.g., do represamento de água e da construção de açudes ou barragens a jusante; redução da profundidade da água, perturbação por enxurradas e aumento do período de emersão como consequência, e.g., da deposição de sedimentos, redução do caudal (captação de água para diferentes usos), represamento de água através da construção de açudes ou barragens a montante, etc; eutrofização da água.													
<b>Medidas de Conservação</b>		Controlo do despejo de efluentes não tratados; incrementar a qualidade e extensão do tratamento de efluentes agrícolas, urbanos e industriais; condicionar alterações ao uso do solo indutoras de alterações na qualidade da água, em zonas limítrofes à área de ocupação do habitat; condicionar a redução dos caudais; condicionar obras hidráulicas; condicionar as captações de água; promover estudos corológicos e ecológicos das comunidades dulceaquícolas abrangidas por este habitat.													
<b>Observações/comentários</b>															





FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS		N.003.00											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		Rota de Vale de Amoreira													
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Habitat</b>		Charnecas e matos das zonas temperadas – Charnecas Secas Europeias		4030											
<b>Descrição Sucinta</b>		Matos baixos, de elevado grau de cobertura, dominados por nanofanerófitos. Espécies mais frequentes pertencentes às famílias das ericáceas (gén. <i>Daboecia</i> , <i>Erica</i> e <i>Calluna</i> ), cistáceas (gén. <i>Halimium</i> , <i>Helianthemum</i> , <i>Tuberaria</i> e, pontualmente, <i>Cistus</i> ), leguminosas (gén. <i>Genista</i> , <i>Stauracanthus</i> , <i>Pterospartum</i> e <i>Ulex</i> ). Plantas características estritamente heliófilas, formadoras de húmus do tipo mor e adaptadas a ciclos curtos de recorrência do fogo. Solos derivados de rochas ácidas – pontualmente derivados calcários em territórios muito chuvosos (e.g. calcários estremenhos) – oligotróficos, ácidos, delgados (leptossolos), com um horizonte. Macroclima temperado ou mediterrânico com características oceânicas; andares termoclimáticos inferiores ao orotemperado (em Portugal); ombroclima pelo menos sub-húmido com um óptimo fitossociológico sob um ombroclima húmido a ultra-hiper-húmido. Mosaicos mais frequentes com prados anuais.													
<b>Distribuição Geral</b>		Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Itália, Irlanda, Portugal e Reino Unido.													
<b>Habitat(s) Subtipo(s)</b>		Tojais e urzais-tojais aero-halófilos mediterrânicos		4030pt1											
		Tojais e urzais-tojais galaico-portugueses não litorais		4030pt2											
		Urzais, urzais-tojais e urzais-estevais mediterrânicos não litorais		4030pt3											
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>															
<b>Designação</b>				<b>Anexo</b>											
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.				B-1.											
Directiva 92/43/CEE.				I.											
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Diversidade Florística			Grau de Equilíbrio da Vegetação		Resiliência da Vegetação			Valor Faunístico			Valor Ecológico Global				
Pouca Diversidade	Diversidade	Muita Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
		X			X				X		X				X
<b>Estado de Conservação</b>		Geralmente em bom estado de conservação.													
<b>Observações/comentários</b>		-													



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.003.01
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat</b>	Charnechas e matos das zonas temperadas – Charnechas Secas Europeias	4030	
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	Tojais e urzais-tojais aero-halófilos mediterrânicos **	4030pt1	
<b>Descrição Sucinta</b>	Tojais e urzais-tojais aero-halófilos amoitados mediterrânicos dominados por <i>Ulex jussiaei</i> subsp. <i>congestus</i> . Próprios de plataformas rochosas litorais, com possível existência de escarpas sobranceiras. São interpretados como comunidades permanentes.		
<b>Factores de Ameaça</b>	Destruição física através da construção de infra-estruturas e habitações; pisoteio.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Construção de passadiços; desvio do interesse dos visitantes; interdição à construção de habitações e de outras infra-estruturas.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.003.02
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>Habitat</b>	Charnecas e matos das zonas temperadas – Charnecas Secas Europeias	4030	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	Tojais e urzais-tojais galaico-portugueses não litorais **	4030pt2	
<b>Descrição Sucinta</b>	Tojais e urzais-tojais mesófilos dominados por <i>Ulex europaeus</i> subsp. <i>latebracteatus</i> e/ou <i>U. minor</i> . Territórios graníticos termo-mesotemperados, húmidos a hiper-húmidos. Subseriais de bosques caducifólios de <i>Quercus robur</i> .		
<b>Factores de Ameaça</b>	À persistência e melhoria do habitat actual: progressão sucessional; plantas invasoras, sobretudo <i>Cortaderia selloana</i> , <i>Acacia dealbata</i> e <i>A. melanoxylon</i> ; destruição física do habitat através de arborizações e da construção de infraestruturas.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Para a persistência e melhoria do habitat actual: controle de invasoras; bloqueio da progressão sucessional com fogo controlado com ciclos de recorrência que evitem a acumulação excessiva de combustível; manutenção da pastorícia extensiva de percurso.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.003.03
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Charnecas e matos das zonas temperadas – Charnecas Secas Europeias</b>	<b>4030</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Urzais, urzais-tojais e urzais-estevais mediterrânicos não litorais **</b>	<b>4030pt3</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Urzais, urzais-tojais ou urzais-estevais mesófilos; Andares bioclimáticos termo, meso, ou supramediterrânicos, pontualmente meso-supratemperados, subhúmidos a hiper-húmidos.</p> <p>Composição florística variável; Subseriais de bosques acidófilos decíduos (classe <i>Quercus-Fagetum</i>, ou de bosques esclerófilos ou marchescentes [ordem <i>Quercetalia ilicis</i> (classe <i>Quercetum ilicis</i>), sobretudo de sobreirais (aliança <i>Quercion broteroi</i>, somente a Sul do sistema central.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Plantas invasoras, sobretudo a <i>Acacia de albata</i> , a <i>Melanoxylon</i> e <i>hackea sericea</i> ; aumento da severidade dos incêndios.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Controle de invasoras; bloqueio da progressão sucessional com fogo controlado com ciclos de recorrência que evitem a acumulação excessiva de combustível; manutenção da pastorícia extensiva de percurso.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.004.00											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>														
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
Rota	Rota de Vale de Amoreira													
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>														
Habitat	Formações herbáceas naturais e semi-naturais (Formações herbáceas secas seminaturais e fácies arbustivas) – Substepes de Gramíneas e anuais da <i>Thero-Brachypodietea</i>		6220*											
Descrição Sucinta	Arrelvados xerófilos de floração primaveril ou estival, dominados por gramíneas anuais e/ou vivazes de porte variável e submetidos a uma pressão variável de pastoreio. Solos oligo a mesotróficos, mais ou menos profundos (excepto subtipo 6220pt1).													
Distribuição Geral	Espanha, França, Grécia, Itália e Portugal.													
Habitat(s) Subtipo(s)	Arrelvados anuais neutrobasófilos		6220*pt1											
	Malhadais		6220*pt2											
	Arrelvados vivazes neutrobasófilos de gramíneas altas		6220*pt3											
	Arrelvados vivazes silicícolas de gramíneas altas		6220*pt4											
	Arrelvados vivazes silicícolas de <i>Brachypodium phoenicoides</i>		6220*pt5											
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>														
Designação			Anexo											
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.											
Directiva 92/43/CEE.			I.											
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>														
Diversidade Florística		Grau de Equilíbrio da Vegetação		Resiliência da Vegetação			Valor Faunístico			Valor Ecológico Global				
Pouca	Muita	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
	X			X			X			X				X
Estado de Conservação				Geralmente em bom estado de conservação.										
Observações/comentários				-										



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.004.01
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
Habitat	Formações herbáceas naturais e semi-naturais – Subestepes de Gramíneas e anuais da Thero-Brachypodietea	6220*	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
Habitat Subtipo <small>** Potencialmente existente</small>	Arrelvados anuais neutrobasófilos **	6220*pt1	
Descrição Sucinta	<p>Arrelvados anuais primocolonizadores, heliófilos e efémeros, de elevada diversidade específica.</p> <p>Composição florística muito variável. Correspondem a etapas de substituição muito regressivas de bosques (climatófilos ou edafoxerófilos) perenifólios ou marchescentes da <i>Quercetea ilicis</i>. Normalmente, dispõem-se em mosaico com matos baixos matos neutrobasófilos da classe <i>Cisto-Lavanduletea</i> ou matos calcícolas da classe <i>Rosmarinetea</i> ou com arrelvados vivazes silicícolas de gramíneas altas. Iniciam o seu ciclo biológico com as primeiras chuvas outonais, passam o Inverno sob a forma de plântulas e, consoante a duração das chuvas de Primavera, florescem e entram em senescência entre o início da Primavera e o início do Verão. Colonizam solos calcários argilosos ricos em carbonatos, assim como solos derivados de rochas máficas (e.g. anfibólitos) ou ultramáficas (serpentinias e peridotitos), normalmente delgados, de reacção neutra abásica, bem drenados e pobres em matéria orgânica. São favorecidos pelos mesmos padrões de perturbação que garantem a persistência de paisagens dominadas por matos baixos (i.e. matos neutrobasófilos e matos baixos calcícolas de <i>Rosmarinetea</i>. Pressões de pastoreio muito elevadas implicam a sua substituição, total ou parcial, por comunidades herbáceas nitrófilas e subnitrófilas de <i>Stellarietea mediae</i> ou por malhadais. A mobilização do solo também favorece a penetração das plantas de <i>Stellarietea mediae</i>. Andares termo a supramediterrânico (ainda que muito pontualmente possam ocorrer no termo e mesotemperado); ombroclima seco a húmido.</p>		
Factores de Ameaça	Expansão das formações arbustivas em detrimento das áreas de clareira como resultado da dinâmica sucessional; mobilização dos solos; pastoreio intensivo; construção de infraestruturas.		
Medidas de Conservação	Gestão activa para a manutenção do habitat do uso do fogo controlado; manutenção da pastorícia extensiva de percurso; definição de áreas de exclusão à implementação de infraestruturas; condicionamento à mobilização dos solos, eventualmente através da contratualização com os proprietários.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.004.02
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>			
Habitat	Formações herbáceas naturais e semi-naturais – Subestepes de Gramíneas e anuais da Thero-Brachypodietea	6220*	
Habitat Subtipo	Malhadais **	6220*pt2	
** Potencialmente existente			
Descrição Sucinta	<p>Composição florística: Malhadais acidófilos: dominância de <i>Poa bulbosa</i>; presença frequente de <i>Astragalus cymbaearpos</i>, <i>pelecinus</i> subsp. <i>pelecinus</i>, <i>Carex divisa</i>, <i>Chamaemelum nobile</i>, <i>Erodium</i> sp. pl., <i>Parentucellia latifolia</i>, <i>Trifolium gemellum</i>, <i>T. glomeratum</i>, <i>T. scabrum</i>, <i>T. subterraneum</i>, <i>T. tomentosum</i> e ainda de plantas características de prados anuais acidófilos (<i>Helianthemalia</i>, classe <i>Helianthemetea</i>); Malhadais neutrobásófilos: dominância de <i>Poa bulbosa</i> (nas pastagens mais bem conservadas); presença frequente de <i>Astragalus echinatus</i>, <i>A. sesameus</i>, <i>A. stella</i>, <i>Erodium</i> sp.pl., <i>Hyoseris scabra</i>, <i>Medicago</i> sp.pl., <i>Parentucellia latifolia</i>, <i>Plantago serraria</i>, <i>Trifolium tomentosum</i> e ainda de plantas características de arrelvados anuais neutrobásófilos; a taxa de produção de biomassa é máxima no Inverno e no início da Primavera, reduz-se praticamente a zero no início do Verão e é retomada com as primeiras chuvas outonais. Mosaicos frequentes com prados anuais (classe <i>Helianthemetea</i>), com comunidades subnitrofilas anuais de solos compactados pelo pisoteio (classe <i>Polygono-Poetea annuae</i>), como comunidades subnitrofilas anuais de <i>Brometalia rubenti-tectorum</i> (classe <i>Stellarietea mediae</i>) ecom arrelvados vivazes silicícolas de gramíneas altas (classe <i>Stipo giganteae-Agrostietea castellanae</i>). A sua persistência depende da manutenção de um pastoreio extensivo, sobretudo de ovinos, que deverá ser suspenso ou atenuado entre o final da Primavera e as primeiras chuvas outonais de modo a permitir a reprodução de algumas espécies anuais (e.g. <i>Trifolium subterraneum</i>). Necessitam de solos moderadamente compactados e com um horizonte superficial rico em matéria orgânica, tanto derivados de rochas ácidas como de rochas carbonatadas ou básicas. Andares termo a supramediterrânico; ombroclima seco a húmido.</p>		
Factores de Ameaça	Redução da pressão de pastoreio; bioindicadores: empobrecimento em <i>poa bulbosa</i> ; mobilização do solo; progressão sucessional.		
Medidas de Conservação	Promoção da actividade pastoril, e.g.:limpeza de caminhos tradicionais; valorização dos produtos animais associados à pastorícia; políticas de apoio directo ao pastoreio; gestões de matos através de métodos que não perturbem o solo.		
Observações/comentários	Pese embora a sua origem antrópica os malhadais têm um elevado interesse para a conservação e, por conseguinte, deverá ser prioritária a sua valorização.		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.004.03
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
Habitat	Formações herbáceas naturais e semi-naturais – Subestepes de Gramíneas e anuais da <i>Thero-Brachypodietea</i>	6220*	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
Habitat Subtipo ** Potencialmente existente	Arrelvados vivazes neutrobasófilos de gramíneas altas **	6220*pt3	
Descrição Sucinta	<p>Arrelvados vivazes, heliófilos, xerófilos e neutrobasófilos, dominados por gramíneas de médio e grande porte profundamente enraizadas.</p> <p>Composição florística: dominância de <i>Brachypodium retusum</i>, <i>Hyparrhenia hirta</i>, <i>H. sinaica</i>, <i>Stipa lagascae</i>, <i>S. offneri</i> ou <i>S. tenacissima</i>; presença de <i>Eryngium dilatatum</i>, <i>Lathyrus clymenum</i>, <i>Leuzea conifera</i>, <i>Ophrys bombyliflora</i>, <i>O. dyris</i>, <i>O. lutea</i>, <i>O. tenthredinifera</i>, <i>Phlomis lychnitis</i>, <i>Serratula</i> sp. pl. O efeito da perturbação pelo fogo depende, genericamente, da profundidade do solo: a perturbação pelo fogo é tanto mais favorável quanto mais profundo for o solo; em solos delgados e/ou muito susceptíveis à erosão, os ciclos curtos de recorrência favorecem a sua substituição por prados anuais (<i>Helianthemetea</i>). Prosperam sobre solos argilosos (à excepção das comunidades de <i>S. lagascae</i> que são preferencialmente psamófilas), mais ou menos profundos, mesotróficos, sem fenómenos de hidromorfismo e frequentemente pedregosos à superfície. Representam etapas de substituição dos bosques e formações arbustivas da <i>Quercetea ilicis</i>. Andares termo a supramediterrânico; ombroclima semiárido a sub-húmido.</p>		
Factores de Ameaça	Progressão sucessional; destruição física do habitat através da construção de infraestruturas; redução do pastoreio extensivo; invasão por flora exótica		
Medidas de Conservação	Promoção da actividade pastoril; controlo de invasoras e gestão de matos; gestões de matos, através de métodos que não perturbem o solo; definição de áreas de exclusão à instalação e construção de infraestruturas.		
Observações/comentários	-		





FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.004.04
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
Habitat	Formações herbáceas naturais e semi-naturais – Subestepes de Gramíneas e anuais da Thero-Brachypodietea	6220*	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
Habitat Subtipo ** Potencialmente existente	Arrelvados vivazes silicícolas de gramíneas altas **	6220*pt4	
Descrição Sucinta	<p>Arrelvados vivazes, silicícolas, dominados por gramíneas heliófilas (à excepção da <i>Festuca elegans</i> que suporta a sombra dos bosques) de grande porte.</p> <p>Composição florística: dominância de <i>Arrhenatherum elatius</i> subsp. <i>baeticum</i>, <i>Agrostis castellana</i>, <i>Festuca elegans</i> e/ou <i>Stipa gigantea</i>; Presença em diferentes combinações de <i>Allium guttatum</i>, <i>Armeria beirana</i>, <i>A. gaditana</i>, <i>A. pinifolia</i>, <i>A. transmontana</i>, <i>Asphodelus bento-rainhae</i> subsp. <i>bento-rainhae</i>, <i>Centaurea paniculata</i>, <i>Dactylis hispanica</i>, <i>Elaeoselinum gummiferum</i>, <i>Euphorbia oxyphylla</i>, <i>Festuca ampla</i>, <i>F. paniculata</i>, <i>Gaudinia fragilis</i>, <i>Phalacrocarpon oppositifolium</i> subsp. <i>oppositifolium</i>, <i>Phalacrocarpon oppositifolium</i> subsp. <i>hoffmannseggii</i>, <i>Sanguisorba verrucosa</i>, <i>Serapias lingua</i>, <i>Thapsia minor</i>, <i>Thapsia villosa</i>. Subseriais dos bosques perenifólios (classe <i>Quercetea ilicis</i>) ou caducifólios de <i>Quercus pyrenaica</i> (classe <i>Quercus-Fagetalia</i> p.p.). Mosaicos frequentes com prados anuais silicícolas (<i>Helianthemalia</i>, classe <i>Helianthemetea</i>) e com giestais (classe <i>Cytisetia scopario-striati</i>). Contactos catenais frequentes com prados vivazes higrófilos (classe <i>Molinio-Arrhenatheretea</i>; Efeito do fogo.</p>		
Factores de Ameaça	Progressão sucessional; invasão de exóticas; agricultura intensiva; redução do pastoreio extensivo.		
Medidas de Conservação	Promoção da actividade pastoril, na área de ocupação a manter; controlo de invasoras; gestão selectiva de matos, através de métodos que não perturbe o solo.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.004.05
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>Habitat</b>	Formações herbáceas naturais e semi-naturais (Formações herbáceas secas seminaturais e fâcies arbustivas) – Subestepes de Gramíneas e anuais da <i>Thero-Brachypodietea</i>	6220*	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> ** Potencialmente existente	Arrelvados vivazes silicícolas de <i>Brachypodium phoenicoides</i> **	6220*pt5	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Arrelvados vivazes, silicícolas, heliófilos, densos, dominados por <i>Brachypodium phoenicoides</i>.</p> <p>Dominados por <i>Brachypodium phoenicoides</i>, espécie frequentemente acompanhada por <i>Dactylis glomerata</i> subsp. <i>lusitanica</i> e <i>Pseudoarrhenatherum longifolium</i>.</p> <p>Subseriais de bosques perenífólios da <i>Quercetalia ilicis</i>.</p> <p>Prosperam em solos profundos, mesotróficos, mais ou menos bem estruturados. Andares termo a mesomediterrânico; ombroclima sub-húmido a húmido.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Destruição física do habitat através da construção de infraestruturas; progressão sucessional; redução do pastoreio extensivo; invasão por flora exótica.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Promoção da actividade pastoril, na área de ocupação a manter; controlo de invasoras; controlo de matos, através de métodos que não perturbem o solo; fogo controlado; definição de áreas de exclusão à implementação de infraestruturas.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.00														
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>																	
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas																
Rota	Rota de Vale de Amoreira																
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>																	
Habitat	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos ( <i>Molinion caeruleae</i> )		6410														
Descrição Sucinta	<p>Juncais higrófilos, não nitrófilos e não halófilos de <i>Juncus acutiflorus</i>, <i>J. effusus</i>, <i>J. rugosus</i>, <i>J. valvatus</i> ou <i>J. valvatus</i> ou prados dominados por <i>Molinia caerulea</i>.</p> <p>Em ambos os casos, comunidades de solos espessos, permanentemente húmidos, quando não encharcados com água estagnada e com evidências gleização no perfil do solo.</p>																
Distribuição Geral	Atlântica: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Irlanda, Itália, Portugal e Reino Unido.																
Habitat(s) Subtipo(s)	Comunidades derivadas de <i>Molinia caerulea</i>		6410pt1														
	Juncais acidófilos de <i>J. acutiflorus</i> , <i>J. conglomeratus</i> e/ou <i>Juncus effusus</i>		6410pt2														
	Juncais acidófilos termófilos de <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>rugosus</i>		6410pt3														
	Juncais de <i>Juncus valvatus</i>		6410pt4														
<b>INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)</b>																	
Designação			Anexo														
Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril.			B-1.														
Directiva 92/43/CEE.			I.														
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>																	
Diversidade Florística				Grau de Equilíbrio da Vegetação			Resiliência da Vegetação				Valor Faunístico			Valor Ecológico Global			
Pouca	Diversidade	Diversidade	Muita	Diversidade	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
			X			X				X			X			X	
Estado de Conservação				Muito variável.													
Observações/comentários				-													



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.01
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>Habitat</b>	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos ( <i>Molinia caerulea</i> )	6410	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> ** Potencialmente existente	Comunidades derivadas de <i>Molinia caerulea</i> **		6410pt1
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Comunidades derivadas herbáceas perenes dominadas pela gramínea cespitosa <i>Molinia caerulea</i>.</p> <p>A <i>Molinia caerulea</i> está particularmente adaptada a solos espessos com elevados teores em matéria orgânica sujeita a uma rápida mineralização, causada por uma transição rápida de condições redutoras (anóxia) para condições oxidantes (arejamento do solo).</p> <p>São comuns nestas comunidades espécies como <i>Peucedanum lancifolium</i>, <i>Gentiana pneumonanthe</i>, <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>acutiflorus</i>, <i>Cirsium palustre</i> e <i>Angelica sylvestris</i>.</p> <p>As comunidades em causa são usualmente subseriais de amieais pantanosos (habitat 91E0) com solos profundos (aluviossolos antigos e solos hidromórficos) submetidos a curtos períodos de encharcamento, nos quais o amieiro (<i>Alnus glutinosa</i>) é acompanhado por carvalho-alvarinho (<i>Quercus robur</i>).</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Drenagem; eutrofização da água a montante; perturbação excessiva pelo pastoreio.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Interdição à drenagem; controlo de despejo de efluentes não tratados; reforço da qualidade e da extensão do tratamento de efluentes agrícolas, urbanos e industriais; condicionamento do pastoreio; conservação dos amieais palustres associados a este habitat.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.02
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>Habitat</b>	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos ( <i>Molinion caeruleae</i> )	6410	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> ** Potencialmente existente	Juncais acidófilos de <i>J. acutiflorus</i> , <i>J. conglomeratus</i> e/ou <i>Juncus effusus</i> **	6410pt2	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Prados-juncais e juncais dominados por <i>J. acutiflorus</i>, <i>J. conglomeratus</i> e/ou <i>Juncus effusus</i>.</p> <p>Presença frequente de: espécies características de turfeiras em solos mal drenados, nos territórios temperados mais elevados e chuvosos; plantas pratenses nos juncais menos húmidos e mais pastados.</p> <p>Ocupam solos profundos sempre húmidos, encharcados durante a maior parte do ano, frequentemente com sinais de hidromorfia (gleissolos), meso-oligotróficos, derivados de rochas ácidas (pontualmente básicas).</p> <p>São raramente fertilizados; quando situados na vizinhança de lameiros meso-higrófilos são segados para feno e, apesar de serem dominados por espécies de baixa palatabilidade, são extensivamente pastados.</p> <p>Estes juncais normalmente são subseriais de bosques edafo-higrófilos ou ripícolas (amiais ripícolas ou bidoais-salgueirais, habitat 91E0).</p> <p>Mosaicos frequentes com juncais glaucos nitrófilos (<i>Paspalo-Heleochoetalia</i>, classe <i>Molinio-Arrhenatheretea</i>), com comunidades de lameiros meso-higrófilos (inc. habitat 6510), comunidades pioneiras higrónitrófilas de leitos de cheias (classe <i>Bidentetea</i>), amiais ripícolas (habitat 91E0), turfeiras (habitat 7140).</p> <p>Mais abundantes nos andares mesotemperado, supratemperado e supramediterrânico, sub-húmido a hiper-húmido; progressivamente mais raros à medida que se desce no andar mesomediterrânico. Nos territórios mediterrânicos mais secos e quentes, sobretudo na vizinhança de linhas de água temporárias, são substituídos por juncais mediterrânicos da aliança <i>Molinio-Hosloschoenion</i> (classe <i>Molinio-Arrhenatheretea</i>, habitat 6420).</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Drenagem; redução da perturbação por pastoreio, fenação ou roça; perturbação excessiva pelo pastoreio; eutrofização da água a montante.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Condicionamento dos trabalhos de drenagem; controlo por fenação ou roça mecânica de espécies arbustivas e arbóreas (o fogo tem também um efeito favorável na redução do grau de cobertura das espécies arbustivas e arbóreas mas o impacto do seu uso a longo prazo não está avaliado); condicionamento do pastoreio, orientado para a manutenção do pastoreio extensivo; controlo de despejo de efluentes não tratados; reforço da qualidade e da extensão do tratamento de efluentes agrícolas, urbanos e industriais.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.03
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
Rota	Rota de Vale de Amoreira		
Habitat	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos ( <i>Molinia caeruleae</i> )	6410	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
Habitat Subtipo ** Potencialmente existente	Juncais acidófilos termófilos de <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>rugosus</i> **	6410pt3	
Descrição Sucinta	<p>Prados-juncais e juncais termomediterrânicos com <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>rugosus</i>. São dominados, consoante as fitocenoses, por diferentes combinações dos seguintes taxa: <i>Cirsium palustre</i>, <i>Juncus acutiflorus</i> subsp. <i>rugosus</i>, <i>Juncus effusus</i>, <i>Lotus pedunculatus</i>, <i>Molinia caerulea</i> subsp. <i>arundinacea</i>.</p> <p>Ocorrem em arrozais abandonados; solos turfosos encharcados durante todo o ano e submetidos a anóxia intensa; em solos arenosos não orgânicos oligotróficos, hidromórficos profundos, com horizonte <i>pseudogley</i> ou <i>gley</i> em profundidade e com água estagnada quase permanente.</p> <p>Estes prados-juncais e juncais são subseriais de freixiais termófilos (habitat 91B0), salgueirais arbóreos psamófilos de <i>Salix atrocinerea</i> (habitat 92A0), de salgueirais paludosos (habitat 91E0) e, mais raramente, de amiais ripícolas (habitat 91E0).</p> <p>Nos mosaicos de vegetação de que fazem parte podem surgir: juncais mediterrânicos de <i>Juncus maritimus</i> e/ ou <i>J. acutus</i> (<i>Holoschoenetalia</i>, habitat 6420), urzais-tojais higrófilos (habitat 4020), comunidades de turfeiras baixas (habitats 7140 e 7150) e comunidades de <i>Utricularia</i> sp.pl. (habitat 3160).</p>		
Factores de Ameaça	Drenagem; cultivo de arrozais; perturbação excessiva pelo pastoreio; eutrofização da água a montante.		
Medidas de Conservação	Condicionamento da drenagem; condicionamento do cultivo do arroz na área de ocupação actual do habitat; condicionamento do pastoreio, orientado para a manutenção de um pastoreio extensivo; controlo de despejo de efluentes não tratados; reforço da qualidade e da extensão do tratamento de efluentes agrícolas, urbanos e industriais; conservação dos <i>microgeosimeta</i> turfófilos.		
Observações/comentários	-		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.005.04
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>Habitat</b>	Formações herbáceas naturais e seminaturais (Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas) – Pradarias com <i>Molinia</i> em solos calcários, turfosos e argilo-limosos ( <i>Molinia caeruleae</i> )	6410	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> ** Potencialmente existente	Juncais de <i>Juncus valvatus</i>	6410pt4	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Juncais mesotróficos de <i>Juncus valvatus</i> de solos encharcados derivados de calcários dolomíticos.</p> <p>O endemismo lusitano <i>J. valvatus</i> é o <i>taxon</i> diferenciador destas comunidades, sendo ainda frequente a presença de <i>Carex flacca</i>, <i>Phleum bertolonii</i> e <i>Oenanthe fistulosa</i>; o <i>J. acutiflorus</i> subsp. <i>acutiflorus</i> está geralmente presente, chegando a ser dominante.</p> <p>Geralmente estas comunidades ocupam pequenas depressões mal drenadas, muitas vezes de formação recente (e.g. um sulco aberto num caminho argiloso que por compactação se tornou impermeável é suficiente para o seu estabelecimento), situadas na base de encosta e abastecidas em água a partir de superfícies de escorrência vizinhas. As comunidades de <i>J. valvatus</i> surgem por vezes também a meia encosta, em pequenas surgências estacionais onde a água flui lentamente numa fina camada.</p> <p>Estas comunidades desenvolvem-se em ambiente de <i>Arisaro-Querceto broteroi</i> S.. Frequentemente, dispõem-se em mosaico com as comunidades de <i>Brachypodium phoenicoidis</i>. Podem contactar ainda com formações da <i>Molinio-Arrenatheretea</i>, designadamente da <i>Plantaginetalia majoris</i> sempre que há pastoreio, e com formações da <i>Isoeto-Nanojuncetea</i>, designadamente da aliança <i>Cicendion</i>, na margem temporariamente encharcada da depressão onde se forma o juncal.</p> <p>Ocorrem em solos derivados de substratos básicos, no entanto as condições de baixos potenciais redox e a quelatização do cálcio e magnésio pelos ácidos húmicos permitem uma reacção ácida no meio e a acumulação de matéria orgânica.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Impermeabilização dos caminhos rurais, através do uso de materiais como o betão ou o alcatrão, em detrimento da compactação; impermeabilização de bermas, valetas e valas de drenagem através do uso de materiais como o betão ou o alcatrão; aprofundamento de bermas, valetas e valas de drenagem.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Condicionar a impermeabilização de caminhos rurais; condicionar a impermeabilização e o aprofundamento das bermas, valetas e valas de drenagem que os marginam.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>	<b>HABITATS</b>	<b>N.006.00</b>
--------------------------	-----------------	-----------------

### CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO

<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>

### CARACTERIZAÇÃO GERAL

<b>Habitat</b>	<b>Florestas (Florestas mediterr�nicas caducif�lias) – Galerias de <i>Salix alba</i> e <i>Populus alba</i></b>	<b>92A0</b>
<b>Descri�o Sucinta</b>	<p>Bosques ou matagais (salgueirais arbustivos) maioritariamente ripícolas, densos, muitas vezes impenetr�veis, caducif�lios, de �ptimo mediterr�nico.</p> <p>Esp�cies dominantes pertencentes �s fam�lias das Salic�ceas (g�ns. <i>Salix</i> e <i>Populus</i>), Betul�ceas (g�n. <i>Alnus</i>). Sub-bosque constitu�do por: lianas (e.g. <i>Hedera</i> sp. pl., <i>Rubus</i> sp. pl. e <i>Rosa</i> sp. pl.); herbáceas vivazes escio-higr�filas (e.g. <i>Bellis</i> sp. pl., <i>Agrimonia</i> sp. pl.); herbáceas vivazes esci�filas (e.g. <i>Poa nemoralis</i>, <i>Stellaria holostea</i>, <i>Silene latifolia</i>, <i>Viola riviniana</i>); herbáceas escionitr�filas anuais (e.g. <i>Geranium</i> sp. pl., <i>Torilis</i> sp. pl.) ou perenes (e.g. <i>Urtica dioica</i>, <i>Chaerophyllum temulum</i>). Prefer�ncia por solos de reac�o �cida derivados de material aluvionar (fluvissolos) ou coluvionar (regossolos). Andares termo a supramediterr�nico, e ombroclima seco a húmido, pontualmente mesotemperado.</p>	
<b>Distribui�o Geral</b>	Espanha, França, Gr�cia, Itália e Portugal.	
<b>Habitat(s) Subtipo(s)</b>	<b>Salgueirais-choupais algarvios de choupos-brancos</b>	<b>92A0pt1</b>
	<b>Salgueirais-choupais de choupos-negros e/ou salgueiros-brancos</b>	<b>92A0pt2</b>
	<b>Salgueirais arb�reos psam�filos de <i>Salix atrocinerea</i></b>	<b>92A0pt3</b>
	<b>Salgueirais arbustivos de <i>Salix salviifolia</i> subsp. <i>Salviifolia</i></b>	<b>92A0pt4</b>
	<b>Salgueirais arbustivos de <i>Salix salviifolia</i> subsp. <i>australis</i></b>	<b>92A0pt5</b>

### INSTRUMENTOS LEGAIS (CONTINENTE)

<b>Designa�o</b>	<b>Anexo</b>
Decreto-Lei n� 140/99 de 24 de Abril.	B-1.
Directiva 92/43/CEE.	I.

### CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA

Diversidade Florística		Grau de Equilíbrio da Vegeta�o			Resiliência da Vegeta�o				Valor Faunístico			Valor Ecológico Global		
Pouca	Muita	Desequilibrada	Instável	Equilibrada	Baixa	Nula	Mediana	Elevada	Reduzido	Mediano	Elevado	Negativo	Neutro	Positivo
	X	X				X				X			X	





<b>FICHA DE ECOLOGIA</b>		<b>HABITATS</b>	<b>N.006.00</b>
<b>Estado de Conservação</b>	Variável, frequentemente muito degradados.		
<b>Observações/comentários</b>	-		

FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.006.01
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>		
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat</b>	<b>Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Galerias de <i>Salix alba</i> e <i>Populus alba</i></b>	<b>92A0</b>	
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Salgueirais-choupais algarvios de choupos-brancos **</b>	<b>92A0pt1</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Choupais-salgueirais de grande porte dominados pelo choupo-branco (<i>Populus alba</i>).</p> <p>Desenvolvidos em pequenas depressões com solos argilosos, mais ou menos hidromórficos, submetidos a inundações periódicas durante um escasso período de tempo. Os bosques actuais têm um carácter residual e dispõem-se em mosaico com fragmentos de freixiais, salgueirais arbustivos, silvados e loendrais. Andar termomediterrânicos seco a sub-húmido.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Corte de árvores dominantes; limpeza mecânica de linhas de água.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Condicionamento ao corte de árvores; interdição à limpeza mecânica das linhas de água com máquinas pesadas, na área de ocupação do habitat; limpeza manual de silvados e extracção de árvores mortas, evitando a resistência do canal à circulação da água e os consequentes efeitos erosivos em áreas vizinhas.		
<b>Observações/comentários</b>	Galerias ribeirinhas mediterrânicas dominadas por choupos e/ou salgueiros.		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.006.02
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visita do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat</b>	Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Galerias de <i>Salix alba</i> e <i>Populus alba</i>	92A0	
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	Salgueirais-choupais de choupos-negros e/ou salgueiros-brancos **	92A0pt2	
<b>Descrição Sucinta</b>	Salgueirais ou salgueirais-choupais dominados por choupo-negro ( <i>Populus nigra</i> ) e/ou salgueiro-branco ( <i>Salix neotricha</i> ). Próprios de terraços aluvionares ou coluviões, localizados de margens de rios e ribeiras, valas de drenagem ou mesmo margens de lameiros. Andares termo a supramediterrânico.		
<b>Factores de Ameaça</b>	Corte de árvores dominantes; limpeza mecânica de linhas de água.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Condicionalmente ao corte de árvores; interdição à limpeza mecânica das linhas de água com máquinas pesadas, na área de ocupação do habitat; limpeza manual de silvados e extracção de árvores mortas, evitando a resistência do canal à circulação da água e os consequentes efeitos erosivos em áreas vizinhas.		
<b>Observações/comentários</b>	Galerias ribeirinhas mediterrânicas dominadas por choupos e/ou salgueiros.		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.006.03
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat</b>	Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Galerias de <i>Salix alba</i> e <i>Populus alba</i>	92A0	
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	Salgueirais arbóreos psamófilos de <i>Salix atrocinerea</i> **	92A0pt3	
<b>Descrição Sucinta</b>	Salgueirais arbóreos de borrazeira-negra ( <i>Salix atrocinerea</i> ) com <i>Vitis vinifera</i> subsp. <i>sylvestris</i> . Solos ácidos arenosos localizados na margem, ou na proximidade (pequenas depressões), de linhas de água permanentes. Andar termomediterrânico sub-húmido a húmido.		
<b>Factores de Ameaça</b>	Corte de árvores dominantes; limpeza mecânica de linhas de água.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Condicionamento ao corte de árvores; interdição à limpeza mecânica das linhas de água com máquinas pesadas, na área de ocupação do habitat; limpeza manual de silvados e extracção de árvores mortas, evitando a resistência do canal à circulação da água e os consequentes efeitos erosivos em áreas vizinhas.		
<b>Observações/comentários</b>	Galerias ribeirinhas mediterrânicas dominadas por choupos e/ou salgueiros.		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.006.04
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	<i>Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas</i>		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>		
<b>Habitat</b>	<b>Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Galerias de <i>Salix alba</i> e <i>Populus alba</i></b>	<b>92A0</b>	
<b>CARACTERIZAÇÃO DO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b> <small>** Potencialmente existente</small>	<b>Salgueirais arbustivos de <i>Salix salviifolia</i> subsp. <i>salviifolia</i> **</b>	<b>92A0pt4</b>	
<b>Descrição Sucinta</b>	<p>Salgueirais arbustivos dominados por <i>Salix salviifolia</i> subsp. <i>salviifolia</i>.</p> <p>Ocupam as margens de linhas de água permanentes, normalmente oligotróficas, de regime torrencial. Em vales muito estreitos localizam-se nos leitos de cheias fustigados pelas águas torrenciais durante a época das chuvas, catenalmente entre os amiais ripícolas e a vegetação serial climatófila. Nos vales mais abertos têm tendência a ocupar os segmentos de geomorfologia mais instável: curvas pronunciadas dos rios e depósitos fluviais grosseiros a descoberto durante o estio. Rareiam ou estão ausentes dos troços finais dos grandes rios sendo aí substituídos pelos amiais paludosos, salgueirais-choupais ou salgueirais arbóreos. Distribuem-se pelos andares meso e supramediterrânico, seco a húmido normalmente sobre substratossiliciosos.</p>		
<b>Factores de Ameaça</b>	Habitat muito resistente à perturbação e às eventuais ameaças: corte de árvores dominantes; limpeza mecânica de linhas de água.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Habitat muito resistente à perturbação, só ocasionalmente necessitando de gestão activa: condicionamento ao corte de árvores; interdição à limpeza mecânica das linhas de água com máquinas pesadas, na área de ocupação do habitat; limpeza manual de silvados e extracção de árvores mortas, evitando a resistência do canal à circulação da água e os consequentes efeitos erosivos em áreas vizinhas.		
<b>Observações/comentários</b>	Galerias ribeirinhas mediterrânicas dominadas por choupos e/ou salgueiros.		



FICHA DE ECOLOGIA		HABITATS	N.006.05
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas		
<b>Rota</b>	Rota de Vale de Amoreira		
<b>Habitat</b>	Florestas (Florestas mediterrânicas caducifólias) – Galerias de <i>Salix alba</i> e <i>Populus alba</i>	92A0	
<b>CARACTERIZAÇÃO HABITAT SUBTIPO</b>			
<b>Habitat Subtipo</b>	Salgueirais arbustivos de <i>Salix salviifolia</i> subsp. <i>australis</i> **	92A0pt5	
<b>Descrição Sucinta</b>	Salgueirais arbustivos dominados por <i>Salix salviifolia</i> subsp. <i>australis</i> . Localizam-se em leitos siliciosos de linhas de água de regime torrencial, em leitos frequentemente secos durante o Verão. Ótimo sinecológico no andar termomediterrânico sob ombroclima seco. Contactos mais frequentes com comunidades de <i>Nerium oleander</i> e <i>Tamarix africana</i> (classe <i>Nerio-Tamaricetea</i> ).		
<b>Factores de Ameaça</b>	Habitat muito resistente à perturbação e às eventuais ameaças: corte de árvores dominantes; limpeza mecânica de linhas de água.		
<b>Medidas de Conservação</b>	Habitat muito resistente à perturbação, só ocasionalmente necessitando de gestão activa: condicionamento ao corte de árvores; interdição à limpeza mecânica das linhas de água com máquinas pesadas, na área de ocupação do habitat; limpeza manual de silvados e extracção de árvores mortas, evitando a resistência do canal à circulação da água e os consequentes efeitos erosivos em áreas vizinhas.		
<b>Observações/comentários</b>	-		



APOIO À VISITAÇÃO DO SÍTIO SERRA DA ESTRELA NO  
CONCELHO DE MANTEIGAS

ROTA DE VALE DE AMOREIRA

INVENTARIAÇÃO, DIAGNÓSTICO E REFERENCIAÇÃO  
CARTOGRÁFICA DE ELEMENTOS ECOLÓGICOS  
SIGNIFICATIVOS E DE PONTOS DE INTERESSE PAISAGÍSTICO  
RELEVANTE NO CONCELHO DE MANTEIGAS

PAISAGEM

CÂMARA MUNICIPAL DE MANTEIGAS



## ÍNDICE DAS FICHAS DE PAISAGEM PAISAGEM

Rota de Vale de Amoreira

Código	Tipologias de Paisagem	Descrição da Paisagem
	<b>Paisagem natural</b>	
001.01	Paisagem natural	Floresta de resinosas (povoamento de <i>Pinus pinaster</i> e sub-coberto de <i>Pteridium aquilinum</i> )
001.02	Paisagem natural	Linha de água torrencial afluente do Rio Zêzere
	<b>Paisagem humanizada rural agrícola</b>	
002.01	Paisagem humanizada rural agrícola	Muros de xisto
002.02	Paisagem humanizada rural agrícola	Socalcos
002.03	Paisagem humanizada rural agrícola	Quintas de produção agrícola localizada no flanco da encosta - Quintas do Vale.
	<b>Paisagem humanizada rururbana</b>	
003.01	Paisagem humanizada rururbana	Povoação do Vale da Amoreira
003.02	Paisagem humanizada rururbana	Estátua do Condestável
003.03	Paisagem humanizada rururbana	Jardim – Vale de Amoreira
003.04	Paisagem humanizada rururbana	Igreja Antiga em Vale de Amoreira/Igreja de Nossa Senhora da Assunção
003.05	Paisagem humanizada rururbana	Junta de Freguesia de Vale de Amoreira
003.06	Paisagem humanizada rururbana	Casa típica de xisto
003.07	Paisagem humanizada rururbana	“Parque Urbano de Vale de Amoreira”
003.08	Paisagem humanizada rururbana	Igreja da Nossa Senhora da Anunciação – Padroeira de Vale de Amoreira
003.09	Paisagem humanizada rururbana	Linha de água localizada na povoação do Vale da Amoreira





FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.01											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota de Vale de Amoreira	Canal visual	007°26'22,13"W 40°25'11,17" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem natural.														
Descrição da Paisagem	Floresta de resinosas (povoamento de Pinus pinaster e sub-coberto de Pteridium aquilinum).														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X					X			X				X	
Observações/comentários															



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.001.02											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		Rota de Vale de Amoreira		<b>Canal visual</b>											
				007°25'59,04" W 40°25'44,85" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem natural.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Linha de água torrencial afluente do Rio Zézere.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>
			X			X					X				X
<b>Observações/comentários</b>				Vegetação ripícola fragmentada a acompanhar o leito da linha de água.											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM	N.002.01												
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota de Vale de Amoreira	Canal visual	007°25'59,04" W 40°25'44,85" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rural agrícola.														
Descrição da Paisagem	Muros de xisto.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X			X					X				X
Observações/comentários				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.002.02											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		Rota de Vale de Amoreira	Canal visual	007°25'59,04" W 40°25'44,85" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem humanizada rural agrícola.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Socalcos.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X			X					X				X
<b>Observações/comentários</b>				Socalcos – cortes, bancos ou aterros horizontais feitos ao longo de encostas para reduzir a erosão, melhorar as colheitas, reter as águas, melhorar a infiltração das chuvas ou preencher qualquer outra função de conservação.											



FICHA DE PAISAGEM				PAISAGEM				N.002.03							
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		<b>Rota de Vale de Amoreira</b>		<b>Canal visual</b>		007°25'59,04" W 40°25'44,85" N									
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem humanizada rural agrícola.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Quintas de produção agrícola localizada no flanco da encosta - Quintas do Vale.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X			X					X				X
<b>Observações/comentários</b>		-													



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.003.01											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota de Vale de Amoreira	Canal visual	007°26'27,64" W 40°24'58,17" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rururbana.														
Descrição da Paisagem	Povoação do Vale da Amoreira.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
			X				X				X				X
Observações/comentários				É uma localidade muito antiga, povoada desde tempos remotos. A fundação de <i>Vale de Amoreira</i> deve ter surgido através de uma quinta burguesa, ou seja, uma exploração agrícola pertença a um cavaleiro-vilão ou peão herdador de Valhelhas.											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM	N.003.02																																																
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>																																																			
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas																																																		
Rota	Rota de Vale de Amoreira	Canal visual	007°26'33,58" W 40°24'57,44" N																																																
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>																																																			
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rururbana.																																																		
Descrição da Paisagem	Estátua do Condestável.																																																		
Registo Fotográfico																																																			
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>																																																			
<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="4">Valor Cénico</th> <th colspan="4">Valor Natural</th> <th colspan="4">Valor Humano</th> <th colspan="4">Qualidade da Paisagem</th> </tr> <tr> <th>Nulo</th> <th>Baixo</th> <th>Médio</th> <th>Elevado</th> <th>Nulo</th> <th>Baixo</th> <th>Médio</th> <th>Elevado</th> <th>Nulo</th> <th>Baixo</th> <th>Médio</th> <th>Elevado</th> <th>Nulo</th> <th>Baixo</th> <th>Médio</th> <th>Elevado</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td></td> <td></td> <td>X</td> <td></td> <td></td> <td>X</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>X</td> <td></td> <td></td> <td>X</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem				Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado			X			X						X			X	
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem																																							
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado																																				
		X			X						X			X																																					
Observações/comentários		Estátua em honra de todos os filhos da terra que combateram no Ultramar.																																																	



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.003.03											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		<b>Rota de Vale de Amoreira</b>		<b>Canal visual</b>											
				007°26'33,58" W 40°24'57,44" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem humanizada rururbana.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Jardim – Vale de Amoreira.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>
		X			X						X			X	
<b>Observações/comentários</b>				Local de repouso.											





FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.003.04											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		Rota de Vale de Amoreira	Canal visual	007°26'33,58" W 40°24'57,44" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem humanizada rururbana.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Igreja Antiga em Vale de Amoreira/Igreja de Nossa Senhora da Assunção.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X			X						X			X	
<b>Observações/comentários</b>				A Igreja Antiga em Vale de Amoreira/Igreja de Nossa Senhora da Assunção (identificada pelo IPA – Instituto Português de Arqueologia com o N° IPA PT020908040035) enquadra-se em meio urbano, isolada, junto ao cemitério, situando-se nos lados direito e posterior, onde existe um cruzeiro metálico com a data "1886".											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.003.05											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota de Vale de Amoreira	Canal visual	007°26'31,73" W 40°25'02,13" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rururbana.														
Descrição da Paisagem	Junta de Freguesia de Vale de Amoreira.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X			X						X			X	
Observações/comentários				-											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.003.06											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota de Vale de Amoreira	Canal visual	007°26'31,29" W 40°25'01,51" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rururbana.														
Descrição da Paisagem	Casa típica de xisto.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X			X						X			X	
Observações/comentários				-											



<b>FICHA DE PAISAGEM</b>		<b>PAISAGEM</b>	<b>N.003.07</b>																																																
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>																																																			
<b>Projecto</b>	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas																																																		
<b>Rota</b>	<b>Rota de Vale de Amoreira</b>	<b>Canal visual</b>	007°26'27,64" W 40°24'58,17" N																																																
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>																																																			
<b>Tipologias de Paisagem</b>	Paisagem humanizada rururbana.																																																		
<b>Descrição da Paisagem</b>	"Parque Urbano de Vale de Amoreira".																																																		
<b>Registo Fotográfico</b>																																																			
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>																																																			
<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="4">Valor Cénico</th> <th colspan="4">Valor Natural</th> <th colspan="4">Valor Humano</th> <th colspan="4">Qualidade da Paisagem</th> </tr> <tr> <th>Nulo</th> <th>Baixo</th> <th>Médio</th> <th>Elevado</th> <th>Nulo</th> <th>Baixo</th> <th>Médio</th> <th>Elevado</th> <th>Nulo</th> <th>Baixo</th> <th>Médio</th> <th>Elevado</th> <th>Nulo</th> <th>Baixo</th> <th>Médio</th> <th>Elevado</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td></td> <td></td> <td>X</td> <td></td> <td></td> <td>X</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>X</td> <td></td> <td></td> <td>X</td> <td></td> </tr> </tbody> </table>				Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem				Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado			X			X						X			X	
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem																																							
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado																																				
		X			X						X			X																																					
<b>Observações/comentários</b>																																																			



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.003.08											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
<b>Projecto</b>		Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas													
<b>Rota</b>		<b>Rota de Vale de Amoreira</b>		<b>Canal visual</b>											
				007°26'31,63" W 40°25'03,67" N											
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
<b>Tipologias de Paisagem</b>		Paisagem humanizada rururbana.													
<b>Descrição da Paisagem</b>		Igreja da Nossa Senhora da Anunciação – Padroeira de Vale de Amoreira.													
<b>Registo Fotográfico</b>															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
<b>Valor Cénico</b>				<b>Valor Natural</b>				<b>Valor Humano</b>				<b>Qualidade da Paisagem</b>			
<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>	<b>Nulo</b>	<b>Baixo</b>	<b>Médio</b>	<b>Elevado</b>
		X			X						X			X	
<b>Observações/comentários</b>				Esta Igreja é bastante recente, tendo sido edificada em 1992. É dedicada á padroeira da freguesia, Nossa Senhora da Anunciação. Começou a ser construída em 1972, graças à generosidade de dois párocos e dois paroquianos. A festa da Nossa Senhora da Anunciação celebra-se no 2.º Domingo de Agosto.											



FICHA DE PAISAGEM		PAISAGEM		N.003.09											
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROJECTO</b>															
Projecto	Apoio à visitação do Sítio Serra da Estrela no Concelho de Manteigas														
Rota	Rota de Vale de Amoreira	Canal visual	007°26'31,63" W 40°25'03,67" N												
<b>CARACTERIZAÇÃO GERAL</b>															
Tipologias de Paisagem	Paisagem humanizada rururbana.														
Descrição da Paisagem	Linha de água localizada na povoação do Vale da Amoreira.														
Registo Fotográfico															
<b>CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA</b>															
Valor Cénico				Valor Natural				Valor Humano				Qualidade da Paisagem			
Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado	Nulo	Baixo	Médio	Elevado
		X				X					X			X	
Observações/comentários				-											

